

Instituto Federal de Goiás

# TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS:

inclusão e mediação interlíngue e  
intercultural na educação de Surdos

Lucimar Alves de Oliveira  
Wanderley Azevedo de Brito



INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG  
CÂMPUS ANÁPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - PROFEPT  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Lucimar Alves de Oliveira  
Prof. Dr. Wanderley Azevedo de Brito (orientador)

**Tradução/Interpretação Libras-Português:  
inclusão e mediação interlíngua e intercultural na educação de Surdos**

Produto Educacional resultante dos estudos produzidos na Dissertação de Mestrado Profissional, intitulada: "Tradução e interpretação interlíngua - Libras-Português: práticas de mediação intercultural na educação de surdos" apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Câmpus Anápolis, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

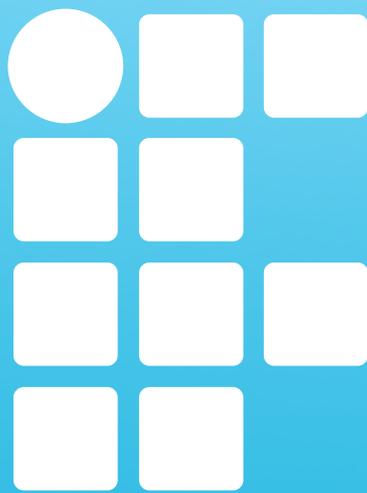
**Área de concentração:** Educação Profissional e Tecnológica.

**Linha de pesquisa:** Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

**Anápolis**

**2024**

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG  
CÂMPUS ANÁPOLIS



**INSTITUTO  
FEDERAL**

Goiás

# Ficha catalográfica

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tradução/Interpretação Libras-Português: inclusão e mediação interlíngua e intercultural na educação de Surdos. Lucimar Alves de Oliveira; Wanderley Azevedo de Brito. Anápolis (GO), IFG / ProfEPT, 2024.

77 f.; il. Color

Produto Educacional (Mestrado) - IFG - Câmpus Anápolis, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

ISBN: .....

1. Tradução-interpretação. 2. Libras-Português. 3. Mediação interlíngua. 4. Mediação intercultural. 5. Educação de surdos. I. Oliveira, Lucimar Alves de. I. Brito, Wanderley Azevedo. III. IFG, Campus Anápolis. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária - Claudineia Pereira de Abreu  
IFG - Campus Anápolis.

# Ficha Técnica

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Anápolis

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Coordenação Acadêmica do ProfEPT no IFG: Prof. Dr. Alessandro Silva de Oliveira

Produto Educacional desenvolvido como parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “**Tradução e interpretação interlíngue - Libras-Português: práticas de mediação intercultural na educação de surdos**” e desenvolvida por Lucimar Alves de Oliveira, sob a Orientação do Prof. Dr. Wanderley Azevedo de Brito.

## **Título do Produto Educacional:**

Tradução/Interpretação Libras-Português: inclusão e mediação interlíngue e intercultural na educação de Surdos

## **Autores do Produto Educacional:**

Lucimar Alves de Oliveira; Wanderley Azevedo de Brito

## **Categoria do Produto Educacional:**

Material didático para o ensino - E-book

## **Modalidade / Tipo do Produto Educacional:**

Livro Digital (E-book)

**Palavras-chave:** Tradução-interpretação; Libras-Português; Mediação interlíngue; Educação de surdos.

**Diagramação e Design do Produto Educacional:** Milton Ferreira de Azara Filho

1ª edição - AE-book - ProfEPT / IFG, abril, 2024

## **Licença Creative Commons**

Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual - CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

## **Como fazer a citação deste Produto Educacional:**

OLIVEIRA, Lucimar Alves de; BRITO, Wanderley Azevedo de. **Tradução/Interpretação**

**Libras-Português:** inclusão e mediação interlíngue e intercultural na educação de

Surdos. Anápolis (GO): IFG / ProfEPT, 2024. Disponível em: <http://www.ifg.edu.br/profep>

*Traduzir e interpretar em língua de sinais é construir pontes que unem Surdos e ouvintes, é desvelar o encanto escondido no encontro entre línguas e culturas, é dar formas e sentidos ao sonoro e ao silencioso.*

**Lucimar Alves Oliveira**

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1. COMUNICAÇÃO E LÍNGUA: DESAFIOS DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS/PORTUGUÊS NO CAMPO EDUCACIONAL</b>	<b>13</b>
1.1 ESCOPO DOS DESAFIOS DA TRADUÇÃO / INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE	16
1.2 TRADUÇÃO	18
1.3 INTERPRETAÇÃO	19
1.4 TRADUTORES E INTÉRPRETES	20
1.5 OS MEDIADORES CULTURAIS: INTÉRPRETES EDUCACIONAIS LIBRAS/PORTUGUÊS	21
<b>2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b>	<b>25</b>
2.1 BRASIL E A EDUCAÇÃO DOS SURDOS	26
2.2 GOIÁS E A EDUCAÇÃO DOS SURDOS	29
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS PARA OS SURDOS	31
<b>3. CULTURA SURDA</b>	<b>35</b>
<b>4. HISTÓRIA DO PROFISSIONAL TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL</b>	<b>40</b>
<b>5. MEDIAÇÃO INTERLÍNGUE E INTERCULTURAL</b>	<b>42</b>
<b>6. PRÁTICAS METODOLÓGICAS QUE FAVORECEM O TRABALHO DO TRADUTOR INTÉRPRETE</b>	<b>58</b>

# Sumário

**7. PLANEJAMENTO DOCENTE DE METODOLOGIAS DE ENSINO E RECURSOS DIDÁTICOS NA MEDIAÇÃO DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE E INTERCULTURAL 60**

**8. PLANEJAMENTO DOCENTE NA ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO PARA A MEDIAÇÃO DOS TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LIBRAS/PORTUGUÊS EM ESPAÇOS INTERLÍNGUES E INTERCULTURAIIS 66**

**9. METODOLOGIAS DE ENSINO ESPECÍFICAS PARA A MEDIAÇÃO DOS TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LIBRAS/PORTUGUÊS EM ESPAÇOS INTERLÍNGUES E INTERCULTURAIIS 67**

**REFERÊNCIAS 71**

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG  
CÂMPUS ANÁPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - PROFEPT  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Lucimar Alves de Oliveira  
Prof. Dr. Wanderley Azevedo de Brito (orientador)

**Tradução/Interpretação Libras-Português:**  
**inclusão e mediação interlíngue e intercultural na educação de Surdos**

**Anápolis**

**2024**

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG  
CÂMPUS ANÁPOLIS

# Apresentação

O E-book *Tradução/Interpretação Libras-Português(1): inclusão e mediação interlíngua e intercultural na educação de Surdos* é um produto educacional, que integra a dissertação "Tradução e interpretação interlíngua - Libras-Português: práticas de mediação intercultural na educação de Surdos".

Inserido na modalidade material didático/instrucional para o ensino, o E-book foi desenvolvido na Linha de Pesquisa de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Anápolis.

Importa esclarecer, inicialmente, que no presente texto os termos "tradução" e "interpretação" são empregados como ações e atividades que se integram e se complementam, com a finalidade de buscar o sentido pretendido da comunicação entre interlocutores de duas línguas de canais diferentes: a Libras, de canal visuoespacial, e a Língua Portuguesa, de canal vocal-auditivo. A partir dessa acepção, o trabalho de mediação dos tradutores/intérpretes entre a Libras e a Língua Portuguesa possibilita o atendimento aos direitos de acessibilidade e comunicação dos Surdos.

O presente E-book, apoia-se na definição de tradução interlinguística de Hurtado Albir (2001), que considera a interpretação como um ato completo e complexo de comunicação. Com base nos estudos e resultados obtidos a partir de uma pesquisa desenvolvida no ProfEPT, o E-book é apresentado em formato de material textual didático.

---

(1) No texto do presente produto educacional, quanto se faz referência ao termo Tradutores/Intérpretes de Libras/Português, os autores optaram por grafar na forma maiúscula a primeira letra de cada palavra. Tal opção tem por objetivo enfatizar a relevância de ambas as línguas no contexto do processo de mediação interlíngua e intercultural.

Objetiva-se que este E-book instrucional seja um suporte técnico aos vários profissionais que atuam na educação de Surdos(2) na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) e demais instituições de ensino. A aplicação, a validação e a avaliação do Produto Educacional seguiram, com rigor, as diretrizes estabelecidas pelo Regulamento do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

As orientações metodológicas para mediação interlíngue e intercultural na educação de Surdos matriculados em salas predominantemente de alunos ouvintes, tem o potencial de contribuir para o aperfeiçoamento de mudanças atitudinais e metodológicas, dos diversos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de estudantes Surdos.

Adicionalmente, o E-book busca contribuir para o desenvolvimento de melhores condições para qualificar ainda mais a realização do trabalho de mediação interlíngue e intercultural desenvolvido pelos tradutores/intérpretes de Libras/Português, a partir da abordagem inclusiva de educação de estudantes Surdos em salas mistas.

Embora o foco do E-book seja voltado para o campo educacional, o material é direcionado também aos diversos espaços sociais em que a mediação interlíngue e intercultural se faz indispensável para a inclusão e acessibilidade de pessoas Surdas. Os temas abordados no E-book são:

- 1 Comunicação e Língua: Desafios da Tradução/Interpretação e Libras/Português no Campo Educacional
- 2 História da Educação de Surdo
- 3 Cultura Surda

---

(2) No presente texto, opta-se pela utilização do termo “Surdo”, com letra “S” na forma maiúscula para identificar a pessoa que utiliza a língua de sinais como primeira língua e como pertencente à cultura Surda. Na perspectiva sociocultural, trata-se de uma concepção que visa distinguir as pessoas surdas daquelas integrantes da cultura ouvinte (Sacks, 1998; Becerra Sepúlveda, 2015, 2020).

4	História do Profissional Tradutor/Intérprete de Língua De Sinais No Brasil
5	Mediação Interlíngua e Intercultural
6	Práticas Metodológicas que Favorecem o Trabalho do Tradutor Intérprete
7	Planejamento Docente de Metodologias de Ensino e Recursos Didáticos na Mediação da Tradução/Interpretação Interlíngua e Intercultural
8	Planejamento Docente na Organização do Tempo e do Espaço para a Mediação dos Tradutores/Intérpretes de Libras/Português em Espaços Interlínguas E Interculturais
9	Metodologias de Ensino Específicas para a Mediação dos Tradutores/Intérpretes de Libras/Português em Espaços Interlínguas e Interculturais

Acreditamos que esse Produto Educacional possa se constituir em um material pedagógico valioso para a compreensão e o desenvolvimento do trabalho de mediação dos TILSPs, na tríade interlocução docente, discente e tradutor/intérprete.

Lucimar Alves de Oliveira (3)

Wanderley de Azevedo Brito (4)

---

(3) Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Anápolis, GO, Brasil. E-mail: [lucimar.oliveira@ifg.edu.br](mailto:lucimar.oliveira@ifg.edu.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3517-5073>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5836153394688315>.

(4) Doutor e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Anápolis, GO, Brasil. E-mail: [wanderley.brito@ifg.edu.br](mailto:wanderley.brito@ifg.edu.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0007-2496>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6251986801937865>

# Comunicação e Língua: Desafios da Tradução/Interpretação de Libras/Português No Campo Educacional



No processo educacional em ambientes inclusivos, "onde os Surdos estão matriculados em salas mistas (alunos ouvintes e Surdos)", a tradução/interpretação de Libras/Português emerge como uma das principais estratégias de acessibilidade. Oferecer esse atendimento linguístico desempenha um papel relevante no percurso acadêmico das pessoas Surdas, que necessitam da mediação interlíngua e intercultural para se comunicar, ter acesso aos conhecimentos científicos e construir sua subjetividade (Perlin, 1998).

Segundo Quadros(2004), campo específico da educação de Surdos, a tradução/interpretação de Libras/Português constitui um dos meios fundamentais pelos quais a comunicação se viabiliza entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é de suma importância que as pessoas que participam desse processo tenham consciência do objetivo da mediação interlíngua e intercultural no processo de tradução/interpretação entre Surdos e ouvintes.

Os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem nas salas de aulas de estudantes Surdos em turmas predominantemente de ouvintes, necessitam compreender as complexidades intrínsecas no ato de traduzir e interpretar. Precisam também conhecer e se apropriar das diversas estratégias de comunicação, para atenuar os obstáculos linguísticos, atitudinais, dentre outros, enfrentados pelos mediadores ou construtores de pontes de comunicação: os Tradutores Intérpretes de Libras/Português-TILSPs (Oliveira, 2024).

De acordo com Nascimento (2012), os aspectos culturais e históricos integram a dimensão de comunicação de cada sistema linguístico. Dessa forma, na língua de cada povo, há dimensões com capacidades e possibilidades para partilha de ideias, pensamentos, sentimentos e a transmissão de conceitos e conhecimentos. Sendo assim, a comunicação por meio da língua, a partir dos

canais vocal-auditivo, visuoespacial e na forma escrita, é essencial para a experiência humana.

Nesse sentido, afirma Garcia-Landa (2001), a comunicação entre pessoas de línguas distintas é caracterizada por pontes que visam unir realidades diferentes. O referido autor assevera ainda que a fala traduzida ou interpretada só é possível por meio da mediação interlíngue e intercultural.

Assim, a comunicação pode ocorrer, independente de qual seja o canal: vocal-auditivo (nas formas oral/auditiva, escrita e leitura) ou canal visuoespacial (nas formas visual e gestual). Elas são partes integrantes da comunicação e da expressão no cotidiano da vida humana. Todavia, no campo da educação formal, a necessidade de tradução e interpretação entre pessoas ouvintes e Surdas configura um grande desafio para os profissionais que atuam nessa área (Lacerda, 2010).

Tal realidade, impõe que o trabalho de mediação de tradutores/intérpretes de Libras/Português seja conhecido, reconhecido e considerado fundamental na comunicação entre pessoas Surdas e ouvintes. Nesse sentido, tanto a língua Portuguesa como a Libras carregam múltiplas dimensões de suas respectivas culturas, conforme exemplifica a figura a seguir.

**Figura 1: Línguas**



Fonte: os autores, 2023

Os participantes da comunicação, a partir de suas línguas, são, ao mesmo tempo, emissores e receptores de símbolos com sentidos e significados próprios dentro de cada cultura. Isso significa que a língua, como dimensão da cultura humana, é aberta ou seja, pode ser ensinada, aprendida e alterada.

Portanto, em uma determinada língua, os símbolos e os significados da fala são constituintes de uma dinâmica que se altera a partir das características e dos contextos de cada época e de cada lugar. Sobre a importância do contexto na tradução/interpretação, García-Landa (2001, p. 131) afirma que “para poder compreender o que alguém diz oralmente ou por escrito, há que colocá-lo em seu contexto”.

Os símbolos do sistema de comunicação são construídos e modificados de acordo com as necessidades humanas e segundo as diferentes modalidades de canal: -vocal-auditivo (nas formas oral/auditiva, escrita e leitura); e - visuoespacial (nas formas visual e gestual). A figura a seguir mostra a comunicação através do canal visuoespacial.

**Figura 2: Comunicação por meio de Língua de Sinais**



Fonte: os autores, 2023

De acordo com Quadros (2004), a educação de pessoas Surdas em ambientes de comunicação que envolvem pessoas ouvintes, o processo de ensino-aprendizagem requer a presença dos TILSPs, com domínio de comunicação de línguas nas modalidades vocal-auditiva e gestual ou visuoespacial.

O procedimento de tradução/interpretação dos atos de fala entre interlocutores de línguas diferentes é qualificado por Viaggio (2004) como mediação interlíngue e intercultural e por Mindess (2006), como comunicação intercultural.

Assim, considerando que no processo tradutório/interpretativo a comunicação se dá por meio da mediação interlíngue e intercultural, há um elevado grau de exigências quanto ao trabalho de captação do sentido mais profundo do texto original empregado pelo emissor da mensagem nos atos de fala entre os interlocutores (García-Landa, 2001).

O papel do mediador interlíngue e intercultural, segundo Viaggio (2004), é modular os significados pretendidos na comunicação entre os interlocutores de línguas e de culturas diferentes.



## **Escopo dos desafios da tradução / interpretação interlíngue**

Por diferentes razões, muitas vezes há barreiras linguísticas na comunicação entre pessoas de línguas distintas. Existem três (3) formas principais para auxiliar pessoas na superação das barreiras de comunicação entre línguas diferentes:

- a) a aprendizagem de outra língua;
- b) a tradução por meio de dispositivos eletrônicos, virtuais ou softwares, com aplicação de inteligência artificial (IA).
- c) a mediação por profissionais intérpretes e tradutores.

**a) A aprendizagem de outra língua :** Se a comunidade acadêmica aprendesse Libras de forma fluente, a tradução/interpretação realizada pelos TILSPs no ambiente educacional deixaria de ser uma das principais estratégias de inclusão de pessoas Surdas nesses ambientes. Isso porque, no caso de docentes e alunos terem domínio fluente de Libras, esse espaço passaria a ter condições de oferecer o ensino-aprendizagem de Surdos na modalidade bilíngue inclusiva, onde a Libras seria a língua de instrução (Brasil, 2021).

**c) A mediação por profissionais intérpretes e tradutores:** Embora esse espaço de ensino amparado pela Lei N° 14.191/2021, seja uma abordagem educacional relevante para atendimento do direito de acessibilidade comunicacional dos Surdos, a realidade evidencia que ainda existe um longo caminho para a concretização dessa política educacional no Brasil.

**b) A tradução por meio de dispositivos eletrônicos, virtuais ou softwares, com aplicação de inteligência artificial (IA):** existe uma enorme barreira para que dispositivos eletrônicos, virtuais ou softwares, com aplicação de inteligência artificial (IA), sejam a opção para esse tipo de atendimento aos estudantes Surdos. Isto porque as línguas de sinais contêm nuances particulares que envolvem o uso de expressões faciais e corporais que fazem parte da gramática dessas línguas tão complexas (Oliveira, 2024).

Considerando que Libras é uma língua de modalidade gestual ou visuoespacial, as expressões faciais e corporais podem mudar completamente o significado ou até a classe gramatical da palavra (Quadros, 2004).

**c) A mediação por profissionais intérpretes e tradutores:** No Brasil, a maioria das instituições inclusivas não possui em seu quadro de servidores profissionais fluentes em Língua Brasileira de Sinais (Libras), e os alunos Surdos são matriculados em salas de aula onde a predominância é de alunos ouvintes. Diante desse cenário, a mediação dos TILSPs se materializam como um dos principais meios de acessibilidade dos estudantes Surdos.

Entretanto, embora o trabalho de mediação dos TILSPs tenha grande relevância nesse cenário, tais profissionais deparam-se com inúmeros desafios. Destacam-se entre eles a luta pela superação da condição de invisibilidade e o reconhecimento de que o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes Surdos é intrínseco à natureza da atividade docente (Quadros, 2009).

De acordo com Quadros (2004), em ambientes escolares formais com presença de estudantes Surdos, cabe, aos docentes a tarefa de planejar as aulas e demais atividades, utilizando metodologias que busquem explorar recursos visuais, imagéticos e tecnológicos, de acordo com as especificidades de aprendizagens dos estudantes Surdos (Oliveira, 2024).

De acordo com Pires (2015), o profissional tradutor/intérprete não deve em hipótese alguma substituir o professor regente em sala de aula, mas atuar como mediador da comunicação entre ele e os discentes Surdos. Sendo assim, além de preparar o material a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem, os docentes devem enviar aos TILSPs, o material com antecedência necessária para estudo e preparação do ato tradutório/interpretativo.

O envio de materiais com antecedência visa possibilitar aos TILSPs a realização de estudos que permitam a compreensão dos significados e dos sentidos das palavras e dos termos da língua de partida (de origem) para, em seguida, buscar as suas correspondências para a língua de destino, ou seja, Libras/Português e vice-versa. (Oliveira, 2024). Tal procedimento qualifica a mediação e permite, segundo Garcia-Lander (2001), a compreensão da captação do sentido mais profundo do texto.



Ao realizar seus estudos, os TILSPs precisam considerar que cada língua pertence a uma cultura específica. Por isso, a mediação realizada por eles é, ao mesmo tempo, interlíngua e intercultural, ou seja, ela acontece entre duas línguas que pertencem a culturas diferentes (Burad, 2009).

## **1.2 Tradução**



De acordo com Gomes e Valadão (2020), tradução é uma função desempenhada pelo TILSP, que muitas vezes é equivocadamente confundida com interpretação. Tradução envolve tempo maior para estudo e preparo do material com as informações na língua de origem. Como exemplos de atividades de tradução na rotina educacional dos TILSPs as autoras citam: a tradução de materiais multimídias, avaliações, livros didáticos, textos de apoio, vídeos. Essas traduções podem envolver o registro físico ou virtual (escrita, vídeo, áudio).

Os mecanismos de tradução eletrônica automática, por meio de inteligência artificial, não têm a mesma capacidade de tradução feita por humanos com formação profissional e específica para esse objetivo. Em especial, quando se trata da mediação envolvendo as línguas de sinais, visto que, as expressões corporais e faciais também são dispositivos lexicais da gramática dessas línguas (Quadros e Karnopp, 2004).

Para García-Landa (2001, p. 131), “traduzir é falar e falar é produzir percepções de fala”. A partir dessa aceção, o trabalho do tradutor profissional é transmitir o significado do texto a partir do idioma de origem, para outro idioma (de destino).

## 1.3 Interpretação

Para Garcia-Lander (2001), a interpretação é o ato de converter o significado da comunicação humana entre duas línguas em tempo real (interpretação simultânea) ou de forma consecutiva. Tal ação pode ocorrer a partir da modalidade vocal-auditiva, no caso da Língua Portuguesa, para a modalidade gestual ou visuoespacial, no caso da Língua de Sinais. A interpretação no sentido contrário é chamada de interpretação reversa ou inversa. A figura três(3) representa um TILSP interpretando.

**Figura 3: Interpretação**



Fonte: autores

O contexto em que se situa o assunto da tradução/interpretação é a fala do ser humano e, portanto, tradução/interpretação é a manifestação do falar ou de comunicar do ser humano. Falar é criar percepções, com emprego de sistemas de sinais, símbolos, a partir da cultura do emissor da comunicação (Garcia-Lander, (2001).

A fala, por se tratar de uma questão da vida humana, tem uma história, ou seja, a fala cria a vida humana García-Landa (2001). Sendo assim, ao traduzir/interpretar os atos de fala, os tradutores/intérpretes precisam considerar o contexto dos falantes, as suas culturas e as suas histórias.

## 1.4 Tradutores e Intérpretes

Os tradutores são profissionais que possibilitam a conversão ou tradução de textos escritos entre línguas orais diferentes, textos sinalizados em línguas de sinais diferentes, ou textos produzidos em línguas de sinais para a uma determinada língua oral, na modalidade escrita, ou vice-versa. Nessa função, o TILSP tem tempo para revisar, fazer anotações e, se necessário, refazer o trabalho, tudo com o objetivo de tornar o texto o mais claro possível na língua de chegada.

No caso da conversão de um texto escrito na língua oral para a um texto na língua de sinais, a tradução se dá por meio do recurso de gravação, na qual dois profissionais tradutores, no mínimo, trabalham em equipe para que um deles realize a interpretação que será filmada. Essa tarefa de interpretação sempre deve ser efetuada com base em estudos prévios.

Os profissionais que realizam essa tradução precisam possuir domínio da Língua de Sinais e da língua vocal-auditiva. De acordo com Garcia Lander (2001), os **tradutores/intérpretes** são profissionais que tornam possível a **conversão ou tradução da fala**:

- a) entre línguas vocais-auditivas diferentes;
- b) entre língua vocal-auditiva e língua gestual ou visuoespacial.

Na modalidade vocal-auditiva, portanto, os **tradutores/intérpretes** podem fazer a conversão **das falas** entre línguas e culturas diferentes, mas de mesma natureza. No caso dos TILSPs a mediação, ou seja, a tradução/intepretação ocorrem geralmente entre línguas que possuem naturezas distintas, sendo uma linear (língua portuguesa) e a outra visuoespacial (língua de sinais). De forma que os **tradutores/intérpretes** de línguas de sinais podem fazer a transposição da fala a partir da **língua fonte, vocal-auditiva, para a língua alvo, visuoespacial** ou vice-versa (Oliveira, 2024).

A interpretação simultânea ou consecutiva pode ocorrer entre:

- a) línguas vocais-auditivas diferentes (exemplo: entre Português e Inglês);
- b) língua vocal-auditiva e língua visuoespacial (exemplo: entre Português e Libras).

Os tradutores/intérpretes usam tecnologias, conhecimentos das línguas e das culturas, além de materiais de referência para gerar traduções/interpretações qualificadas. Na interpretação em tempo real, os profissionais dependem da experiência, do nível de proficiência e do conhecimento das culturas e línguas envolvidas no ato interpretativo.

O trabalho de mediação dos tradutores/intérpretes requer proficiência nos idiomas de origem/fonte e de destino/alvo, conhecimento sobre as culturas envolvidas, refletir sobre o contexto interlíngue, além de considerar qual é o público-alvo na tradução/interpretação (Burad, 2009).



## Os Mediadores Culturais: Intérpretes Educacionais Libras/Português

Intérpretes Educacionais são especialistas com formação para interpretação da linguagem acadêmica falada, sinalizada e escrita, de forma que possa ser compreendida por estudantes Surdos que usam a Libras como primeira língua e Língua Portuguesa, nas formas de leitura e escrita, como segunda língua (Brasil, 2005).

Em conformidade com (Oliveira, 2024) nos espaços formais de educação, o trabalho dos **TILSPs** requer, e logo a seguir a figura número quatro (4) demonstra a atuação de um TILSP educacional

1	formação técnica consistente e qualificada
2	proficiência em Língua de Sinais
3	experiência (prática) em interpretação Libras/Português
4	acesso, com antecedência necessária, aos conhecimentos especializados nos campos específicos da aprendizagem
5	conhecimento de cultura surda
6	capacidade de se comunicar claramente
7	habilidade para traduzir/interpretar conteúdos acadêmicos complexos
8	competência técnica para traduzir/interpretar conceitos nos campos específicos da aprendizagem
9	competência para traduzir textos complexos do conteúdo acadêmico
10	desenvolvimento de conhecimentos relacionados a recursos visuais e de tecnologia da informação e da comunicação
11	sensibilidade na escuta ativa
12	desenvolvimento da capacidade para transmitir nuances sutis das línguas e culturas envolvidas na tradução / interpretação

Figura 4: Tradutor/Intérprete Educacional



Fonte: autores

Quanto ao período de duração das atribuições contidas no código de ética dos Intérpretes Educacionais, os serviços de tradução/interpretação **não devem ultrapassar as 6 horas diárias ou 30 horas semanais**, o que inclui o tempo de estudo e tempo de atuação, conforme assegurado pela Lei N° 14.704/2023, que dispõe sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Brasil, 2023).

Quanto ao período de acompanhamento de estudantes Surdos, estes tempos são duradouros, pois a mediação se dá em períodos acadêmicos que podem variar entre seis (6) meses e até alguns anos.

O trabalho dos tradutores/Intérpretes educacionais não pode ser confundido com o serviço de apoio à comunicação (que podem envolver a comunicação total, fala, leitura labial) para atender pessoas surdas com diferentes particularidades. Tampouco deve ser confundido com o serviço especializado a estudantes que demandam apoio para necessidades muito específicas, como transtornos do espectro do autismo, transtornos de aprendizagens dentre outros.

O atendimento a tais necessidades complexas requer a atuação de profissionais específicos, que tenham formação que os qualifique para atuar como profissionais de apoio escolar. No entanto, no caso dos TILSPs, pode haver situações específicas em que o TILSP educacional precise mediar a interpretação de um aluno Surdo com baixa visão ou de um aluno surdocego (5), o que demandará que a instituição forneça uma formação mais específica para esse atendimento.

Além das mediações descritas, os TILSPs também fazem a tradução/interpretação da comunicação de estudantes Surdos com docentes, estudantes e outros ouvintes, em atividades fora do contexto das salas de aulas.



Como por exemplo em palestras, seminários, trabalhos em grupos, de forma que a acessibilidade comunicacional proporcionada pelos TILSPs perpassa múltiplas atividades e espaços educacionais (Oliveira, 2024).

Quanto à duração de tal suporte para a acessibilidade dos discentes Surdos, pode-se afirmar que são atividades pontuais e, portanto, com variação de tempo, dependendo de cada atividade. Ressaltando que tais atribuições são de natureza temporárias.

Os serviços de apoio, em tempo real, visam possibilitar acessibilidade de pessoas Surdas a palestras, seminários ou outros tipos de suporte personalizado na participação de atividades e eventos educacionais específicos.

Quanto à duração de tais atribuições, a mediação realizada pelos TILSPs para a acessibilidade comunicacional de para pessoas Surdas é de natureza temporária, ou seja, eventual.

---

(5) Nos casos de surdocegueira, o sistema de comunicação é do tipo gestual-táctil. Esse tipo de trabalho é feito por instrutor mediador, que fornece intervenção para uma pessoa surdocega, com necessidade múltipla sensorial (Almeida, 2019). Os intérpretes táteis trabalham com indivíduos surdocegos, colocando as mãos sob as mãos do indivíduo e comunicando-se com o toque e o movimento. O presente Produto Educacional não tem como foco a comunicação do tipo gestual-táctil para surdocegueira.

Na interpretação da fala entre pessoas a partir das línguas nas modalidades vocal-auditiva e visuoespacial, o intérprete busca reproduzir os atos da fala com enquadramento espacial de sinalização acessível aos sentidos amplificados. Na interpretação inversa, busca-se reproduzir os atos da fala a partir da língua fonte (gestual ou visuoespacial) para o espaço sensível aos sentidos da audição e da visão na língua alvo (vocal-auditiva) (Oliveira, 2024).

## História da Educação de Surdos



O conhecimento da trajetória da educação de Surdos, segundo Strobel (2009), permite compreender as contradições desse processo histórico e, ao mesmo tempo, refletir sobre as práticas educacionais atuais. Conhecer o percurso histórico da educação de Surdos, torna possível definir quais são os caminhos a trilhar para, de fato, contribuir com melhorias qualitativas no reconhecimento dos direitos de acessibilidade comunicacional e educacionais das pessoas Surdas.

Conhecer o processo histórico da educação de Surdos, possibilita que se estabeleçam bases fundamentais para a análise das dimensões culturais e linguísticas das pessoas Surdas, como seres humanos multifacetados na sua constituição e na sua forma de viver (Maia, 2017).

Maia (2017) registra que, na antiguidade, a sociedade ouvinte dominante tinha uma visão marginalizada sobre os surdos, o que resultava em percepções equivocadas. Por exemplo, os surdos eram considerados seres amaldiçoados, incapazes de receber herança ou de exercer o direito ao voto. Naquela época, os surdos eram totalmente desprovidos de qualquer direito como cidadãos. No entanto, com o passar do tempo, essa visão preconceituosa e distorcida acerca das pessoas surdas foi se modificando.

**NUNCA USE  
ESSES TERMOS!**



Essa visão negativa sobre surdos, era percebida até mesmo nos termos utilizados para fazer referências a eles: **surdo mudos, surdinho, mudinhos dentre outros** (Oliveira, 2024). Tais termos permeados por preconceitos foram se dissipando a partir do trabalho de pesquisadores, educadores e linguistas que, por meio da convivência com surdos, perceberam que eles tinham potencial para aprender a ler e escrever, desde que aprendessem a se comunicar.

No entanto, várias pesquisas demonstram que, através de profissionais habilitados, os Surdos podem desenvolver a comunicação, desde que lhes sejam oferecidos estímulos e inputs adequados. No passado para receberem tal suporte, os Surdos contavam com aqueles que se sensibilizavam com suas necessidades comunicacionais. Assim, a educação de Surdos foi lentamente ocupando espaços nos ambientes formais de ensino, de modo que pesquisadores e educadores passaram a se dedicar cada vez mais ao processo de ensino-aprendizagem dos Surdos (Oliveira, 2024).

## 2.1

### **Brasil e a Educação dos Surdos**

No Brasil, um marco significativo na história da educação dos Surdos ocorreu no ano de 1855, com a chegada de Eduardo Huet, professor Surdo com experiência de mestrado e outros cursos em Paris. No ano de 1857, D. Pedro II fundou, com orientação de Eduardo Huet, a primeira escola para Surdos no Rio de Janeiro, inicialmente chamada de “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” e hoje conhecida como “Instituto Nacional de Educação de Surdos” (INES) (Oliveira, 2024). A figura cinco (5) traz a foto do INES.

**Figura 5: Instituto Nacional de Educação de Surdos**



Fonte: Brasil, 2022

De acordo com (Santos & Sofiato, 2020) a Libras, teve sua origem nos interiores dessa escola, pois, os surdos levados de diversas regiões brasileiras, já utilizavam os sinais caseiros, os quais mesclaram com a língua de sinais francesa.

Até então, o método oralista era predominante na educação de Surdos em vários países, não sendo diferente aqui no Brasil. A abordagem oralista proibia os surdos de utilizarem a língua de sinais, a qual ganhou força e passou a ser imposta aos estudantes Surdos, após a realização de um congresso internacional na cidade de Milão(6), no ano de 1880. Essa abordagem de educação de surdos baseava-se em uma visão equivocada de “reabilitação e normalização” dos surdos, por parte de especialistas ouvintes na área da surdez (Mendes, 2017).



[...] a proibição do uso da Língua Gestual e a oficialização do oralismo foi imediata. Tal mudança só veio reafirmar a dominação do ouvinte sobre o sujeito Surdo. Apresentavam a Língua Gestual como algo prejudicial e depositavam na aprendizagem da língua oral a única possibilidade real de “normalizar” o Surdo. Apesar da insistência em mantê-lo por longos cem anos, o método oralista não obteve sucesso (Mendes, 2017, p. 52).

---

(6) Para mais informações sobre esse congresso impactante de forma negativa na educação de surdos, leia o capítulo 1 da dissertação da qual esse produto educacional está vinculado.

Ainda conforme Mendes (2017), a abordagem oral não obteve sucesso. Pois, mesmo diante de tal imposição as mãos dos Surdos não se calam, visto que estes continuaram a usar a língua de sinais nos corredores, nos banheiros e nos pátios do INES, mesmo que fossem punidos por usá-la. Ainda que coagidos, os Surdos não se calam.

Os defensores do método Oralista, sustentavam que a Língua de Sinais provocava ou perpetuava grande atraso cognitivo para os Surdos (Oliveira, 2024). A comunidade Surda brasileira não se intimidou, por meio dos estudos linguísticos, de lutas históricas e do fortalecimento de sua cultura, conseguiram que no Brasil no ano de 2002 fosse aprovada a [Lei Nº 10.436](#), a qual reconhece Língua Brasileira de Sinais-Libras, como meio oficial de comunicação e expressão da comunidade Surda.



Logo em seguida, no ano de 2005, veio outra conquista a aprovação do [Decreto Nº 5.626](#), que regulamenta a Lei Nº 10.436/2002. A aprovação desses dispositivos legais é considerada um dos pilares fundamentais para viabilizar a

educação de Surdos no Brasil, uma vez que a oficialização da Libras, como meio de comunicação e expressão das pessoas Surdas, contribui significativamente para a inclusão social desses sujeitos no meio educacional.

No entanto, as lutas da comunidade Surda, são constantes, de tal modo que somando forças as políticas públicas que têm um impacto direto na trajetória educacional Surda, recentemente houve a aprovação da [Lei 14.191/2021](#). Essa nova lei modifica a a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), para dispor sobre a real modalidade de educação bilíngue de Surdos.



A aprovação dessa lei tem potencial para impactar de forma positiva a história da educação de Surdos. Isto porque, ao assegurar a Libras como língua de instrução no ambiente educacional, viabiliza-se que a inclusão nessa abordagem atenda de maneira específica as particularidades dos Surdos no processo de ensino-aprendizagem, e favorece também a criação de escolas bilíngues ou classes de aulas bilíngues. A aplicação da Lei Nº 14.191/2021 pode contribuir para o fortalecimento da identidade Surda e, portanto, para a formação integral dos estudantes Surdos.

## 2.2

## Goiás e a Educação dos Surdos

Os caminhos do percurso histórico da educação dos Surdos em Goiás decorrem de uma forte influência da cultura educacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), uma vez que as iniciativas para o ingresso de Surdos na educação formal de Goiás se deram a partir de esforços e da persistência do “primeiro Surdo letrado do Estado de Goiás de que se tem notícias, sendo ele um ex-aluno do INES na década de 1950” (Oliveira, 2022 p. 65).

(Oliveira, 2022) registra que ano de 1960 após retornar do INES esse Surdo chamado Edson Franco Gomes, letrado em Libras e na língua portuguesa, conseguiu o seu primeiro trabalho no Instituto Pestalozzi como porteiro. Mas no ano de 1960, ele foi promovido a Professor de Apoio, para trabalhar com crianças surdas e com múltiplas deficiências.

Além de Professor de Apoio para as crianças, Edson Franco Gomes também atuava como professor de apoio para surdos maiores e surdos adultos que não sabiam a língua de sinais e nem sabiam ler, escrever ou oralizar na Língua Portuguesa. Em especial para os surdos adultos, era permitido que ele ensinasse a Língua de Sinais. (Dados coletados em um registro de entrevista feita por (Oliveira, 2022). A Figura 6 apresenta uma foto do professor Edson no início do seu trabalho no Instituto Pestalozzi.

**Figura 6: Edson Franco Gomes, professor Surdo com seus alunos nos anos de 1966 a 1968**



Fonte: Oliveira (2022)

Edson Franco Gomes se tornou o primeiro professor Surdo no estado de Goiás. A partir do seu trabalho desenvolvido no Instituto Pestalozzi, ele se tornou o principal agente multiplicador de professores Surdos e ouvintes fluentes em Libras em todo o estado de Goiás.

Movido pelo desejo de reconhecimento dos Surdos e de sua língua, Edson Franco, juntamente com outros Surdos, consolidou a criação da Associação de Surdos de Goiânia, local propício para o encontro do povo Surdo e para o desenvolvimento dos sujeitos Surdos, através do encontro com seus pares.

Outro fruto do seu trabalho, no ano de 1987, foi a fundação de uma escola com o nome de Sistema Educacional Chaplin. Tal instituição foi criada com o objetivo de promover o ensino da Libras e a formação de TILSPs.

Por meio do Sistema Educacional Chaplin, o professor Edson contribuiu efetivamente para a formação de várias gerações de professores Surdos para atuarem no ensino de Libras, além de formar professores ouvintes e Surdos para atuarem na educação formal de Surdos. Esta escola também contribuiu para a formação de diversos profissionais TILSPs (Oliveira, 2022).

Com o respaldo legal da Lei N° 10.436/2002 e do Decreto N° 5.626, os TILSPs passaram a ocupar diversos espaços de ensino formal de estudantes Surdos em todo o estado de Goiás (Oliveira, 2024)..

Ainda sobre acontecimentos significativos da história da educação de Surdos no estado de Goiás, destaca-se a iniciativa para a criação do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue no Instituto Federal de Educação de Goiás, Câmpus Aparecida de Goiânia, no ano de 2015.

A discursão para a criação deste curso se deu entre os anos de 2012 a 2018, foram feitas três propostas para a criação desse curso, com o objetivo de formar professores para atuar na alfabetização e inclusão de crianças Surdas na educação básica fundamental.

Em 2012, o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Palhoça, iniciou uma ampla discussão nacional com especialistas na área de educação de Surdos, várias instituições se envolveram no projeto, incluindo o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e o Instituto Federal de Goiás (IFG).

Embora o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Palhoça, tenha dado início às discussões que objetivavam a criação do Curso de Pedagogia Bilíngue em 2012, foi só no ano de 2017 que tal curso foi implementado nessa instituição.

Seguindo esse exemplo de avanço na educação de Surdos, o INES, a partir de 2018, passou a ofertar, na modalidade à distância, o Curso de Licenciatura para a formação de professores para atuar na Educação Básica de Surdos.

A partir desse amplo movimento, o Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Aparecida de Goiânia, se tornou o pioneiro na oferta do curso de Pedagogia Bilíngue na modalidade presencial em 2014.

De acordo com o PPC do curso mencionado, a oferta inicial seria de 30 (trinta) vagas para candidatos Surdos ou ouvintes. O projeto desse curso deixa claro que as disciplinas e as demais atividades do Curso de Pedagogia Bilíngue do IFG são desenvolvidas em Língua Portuguesa, com mediação linguística realizada pelos TILSPs.

De forma que foi aberto o edital para a seleção de alunos. As atividades se iniciaram no primeiro semestre de 2015.



## 2.3

### **A importância da Língua de Sinais para os Surdos**

Em harmonia com Oliveira (2024), é por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que a pessoa Surda, usuária de língua de sinais, compreende a realidade à sua volta e se apropria das referências que a cercam. O reconhecimento legal da Libras trouxe um respaldo significativo para as lutas em prol da aceitação e valorização das pessoas Surdas nas diversas esferas da sociedade brasileira, em especial no campo educacional.

Essa forma peculiar de comunicação dos Surdos, além de oportunizar que esses cidadãos se apropriem dos valores que os rodeiam, permite-lhes contribuir de forma significativa com a sociedade da qual fazem parte, independentemente das diferenças linguísticas e culturais (Oliveira, 2024)..

Ainda de acordo com Oliveira (2024), quando gestores e docentes reconhecem e valorizam o uso da Libras nos espaços formais de ensino, estão, na realidade, favorecendo a quebra de barreiras atitudinais e de comunicação.

E assim, são impulsionados a implementar estratégias de ensino que proporcionam aos estudantes Surdos condições para atender ao seu direito de acessibilidade de comunicação e também de desenvolvimento da sua subjetividade. Tal processo favorece o ensino-aprendizagem e qualifica a inclusão de Surdos no sistema educacional e na sociedade (Oliveira, 2024).

Acrescenta-se que o respaldo legal é um aspecto fundamental para possibilitar o acesso dos Surdos ao sistema educacional, pois prevê a esses estudantes o direito à educação dentro de um ambiente que valoriza a Libras e a cultura Surda como dimensões fundamentais na construção da identidade Surda.



Dentro desses suportes legais, a aprovação da recente Lei Nº 14.191/2021, que prevê a educação de Surdos em ambientes bilíngues, é considerada pela comunidade Surda como um novo marco histórico na sua trajetória educacional e representa a possibilidade de avanço em termos de políticas educacionais para a ampliação dos direitos das pessoas Surdas.

Todavia, para que esse ambiente bilíngue se torne uma realidade na trajetória educacional dos estudantes Surdos brasileiros, há um longo caminho a ser percorrido. A oferta de educação na perspectiva bilíngue para estudantes Surdos exige muito tempo para a qualificação e formação continuada dos docentes, além de muitos investimentos na criação de infraestrutura para espaços adequados e na contratação de professores bilíngues fluentes em língua de sinais.

Considerando a realidade do sistema educacional brasileiro, acredita-se que, por algum tempo, haverá a continuidade da perspectiva de educação inclusiva de estudantes Surdos, com matrículas em turmas predominantemente compostas por alunos ouvintes. Desse modo, atualmente, ainda prevalece na maioria



das instituições brasileiras, esse modelo de ensino para os estudantes Surdos ainda prevalece. Dentro dessa abordagem, um dos principais meios de acessibilidade de comunicação ocorre por meio da mediação interlíngue e intercultural dos TILSPs (Oliveira

Considerando esse contexto, é essencial que docentes, gestores e profissionais da educação reconheçam a língua de sinais e a cultura Surda como componentes da identidade do povo Surdo, pois tal concepção serve como ponto de partida para oportunizar a inclusão dos estudantes Surdos nos espaços formais de educação..

A adoção de tal concepção educacional busca valorizar a diversidade linguística e cultural. Visto que o reconhecimento e a aceitação do prestígio linguístico da língua de sinais e da cultura Surda, são fatores norteadores que possibilitam a erradicação de atitudes preconceituosas, ainda existentes em ambientes onde há a predominância de língua na modalidade vocal-auditiva.

De acordo com Oliveira (2024), acredita-se que assim seja possível a construção de espaços que valorizem a diversidade linguística e cultural.

De forma que os movimentos de mudanças, pelos quais a Libras passou a ser respeitada e reconhecida como língua natural das pessoas Surdas, são pilares fundamentais para a eliminação de subespaços geradores de atitudes e pensamentos preconceituosos conforme assinalam Quadros e Karnopp (2004).



As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do Surdo ou como uma **patologia da linguagem**. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

A partir dessa perspectiva, segundo Quadros e Karnopp (2004), a Língua de Sinais é aceita e reconhecida como língua natural legítima do povo Surdo e não como um problema ou uma anomalia linguística. A Língua de Sinais passa a ser reconhecida com status linguístico próprio, uma vez que possui todos os seus aspectos linguísticos, que vão desde seu léxico até sua sintaxe.

O conhecimento da dimensão científica que a língua de sinais tem, auxilia na compreensão de que ela se assemelha às línguas vocais-auditivas, uma vez que podem ser estudadas nos mesmos campos linguísticos, tais como fonética/fonologia, morfologia, sintaxe e pragmática. Sendo assim, a assimilação da complexidade linguística da Libras, contribui significativamente para a adoção de práticas pedagógicas e metodológicas ajustadas às características de acessibilidade para os estudantes Surdos.

Tais práticas podem contribuir para a redução das limitações impostas ao processo de ensino-aprendizagem desses estudantes. Uma comprovação clara de que as línguas de sinais são línguas naturais, veio por meio de estudos de linguistas e estudiosos da área, que conseguiram comprovar que as línguas de sinais podem ser estudadas nos campos: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Conhecer o trabalho destes estudiosos contribui para que a comunidade acadêmica se sinta segura em promover ações que valorizem a língua de sinais e os seus usuários (Oliveira, 2024). A língua de sinais, de modalidade visuoespacial, possui sistema complexo e estruturado, com regras gramáticas específicas que regem a sua produção e compreensão.

Sendo assim, o reconhecimento e o respeito à língua dos estudantes Surdos permitem àqueles que participam de sua trajetória acadêmica, a utilização de práticas educativas e de abordagens metodológicas que contemplam a Libras como língua natural desses estudantes.

O conhecimento básico da comunicação na língua de sinais, a compreensão mais aprofundada sobre a surdez e a cultura Surda favorecem as práticas docentes quanto à implementação de estratégias e metodologias para atender às especificidades do processo de ensino-aprendizagem na educação de Surdos (Reis, 2014).



Quando docentes têm consciência de sua função como mediadores do conhecimento científico para estudantes Surdos, compreendem que apenas fazer adaptações pontuais não é suficiente. Na educação de Surdos, a ação pedagógica requer cuidadoso planejamento de atividades e conteúdos curriculares, com inclusão e uso de estratégias e recursos metodológicos visuais (Oliveira, 2024).



O planejamento e o uso de recursos imagéticos viabilizam a inclusão dos estudantes Surdos, sem prejuízo aos demais alunos ouvintes. Tais estratégias pedagógicas têm o potencial de favorecer o processo de aprendizagem dos estudantes, uma vez que o uso de tais recursos contemplam os estímulos visuais de Surdos e ouvintes.



Esse tipo de abordagem metodológica estimula a interação e a convivência dos estudantes Surdos e ouvintes, pois ao promover a língua e a cultura Surda, docentes e demais profissionais da educação incentivam as práticas inclusivas na formação dos estudantes e da comunidade acadêmica.

Portanto, a adoção de planejamento e de práticas pedagógicas que evidenciam a valorização da diversidade linguística e cultural, pode contribuir significativamente no processo de mediação interlíngua e intercultural no trabalho de tradução/interpretação dos TILSPs.

## Cultura Surda

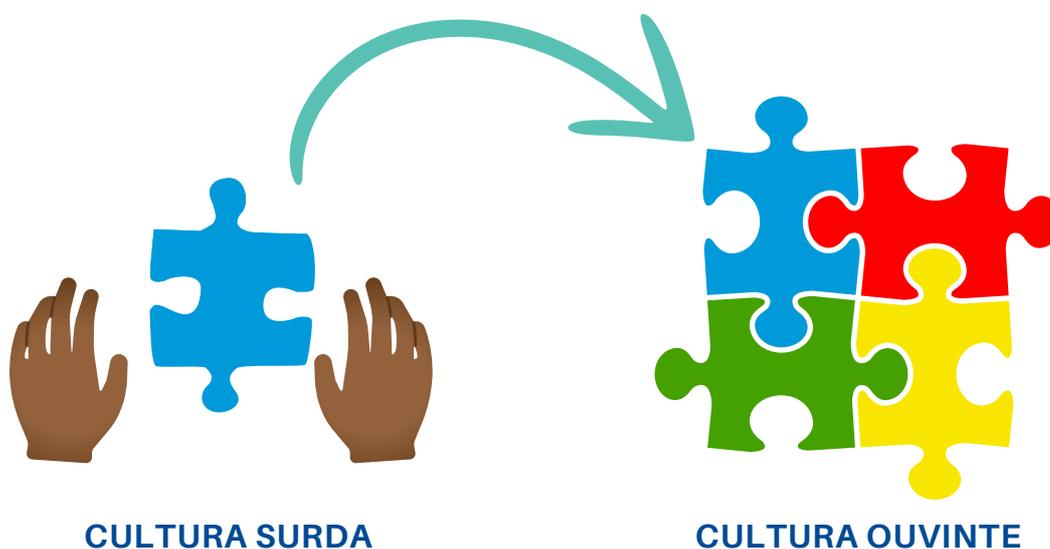
### 3

Ao explicitar o valor do reconhecimento e da valorização da língua de sinais, é necessário aprofundar no valor que tem o conhecimento e a promoção da cultura Surda. Pois, o planejamento e a utilização de recursos e estratégias metodológicas que favoreçam a valorização da língua de sinais e da cultura Surda, contribuem para:

- a) o desenvolvimento da abordagem de ensino que incluem e contemplem as singularidades surdas;
- b) a valorização da língua de sinais e da cultura Surda para os estudantes ouvintes e, conseqüentemente, fornecem estímulos positivos para que possam aprender a língua de sinais.
- c) a mediação interlíngua e intercultural dos TILSPs, propiciando a participação e a integração real dos estudantes Surdos, na interação com ouvintes.

Os TILSPs se sentem contemplados quando docentes adotam metodologias visuais, pois segundo Komissarov (1991), a comunicação interlinguística envolve pessoas de duas culturas diferentes, a mensagem traduzida é transferida não só para outra língua, mas também para outra cultura, conforme mostra a figura a seguir.

**Figura 7: Tradução-interpretação intercultural**



Fonte: os autores, 2023.

A cultura dá à linguagem diferentes contextos, pois palavras e termos de uma determinada sociedade podem ter significados muito diferentes em outra. Assim, o conhecimento a respeito da **cultura Surda** é fundamental para que as nuances e as características particulares da língua do povo Surdo, sejam analisadas e ponderadas no ato tradutório-interpretativo e no planejamento dos docentes.

A atenção à essa questão cultural é essencial na mediação interlíngua, principalmente nas modalidades de tradução simultânea e consecutiva, já que o tempo do ato tradutório-interpretativo é muito curto. De maneira que a definição do que é cultura Surda, deve ser nítido em especial a esses profissionais. De forma sintética cultura Surda é uma identidade única que foi desenvolvida ao longo de gerações entre indivíduos Surdos em todo o mundo.

A cultura Surda é caracterizada pela experiência compartilhada de Surdo para Surdo, a qual influencia vários aspectos, incluindo linguagem, comunicação, arte, literatura e valores. A língua de sinais além de ser uma dimensão da identidade Surda, é também a principal manifestação cultural dos Surdos, pois ela propicia ao sujeito Surdo um sentimento de pertencimento à sua comunidade.

Nessa comunidade os Surdos compartilham a sua história, as suas lutas, as suas vivências e os seus desafios. Portanto, o ambiente educacional deve ser suficientemente organizado para que os Surdos se sintam contemplados nas suas especificidades.

Ao proporcionar esse ambiente que privilegia a cultura Surda e a língua de sinais, docentes e comunidade acadêmica estão priorizando o trabalho tradutório-interpretativo dos TILSPs e contribuindo para uma inclusão educacional mais eficaz.

Para realizar uma mediação linguística adequada à educação inclusiva de estudantes Surdos, os TILSPs precisam refletir sobre os sentidos e os significados das falas, o uso de abordagens que contemplem as particularidades Surdas. Tudo isso permite aos TILSPs que a mediação interlíngua e intercultural seja feita com estruturas que façam sentido nas línguas e culturas de origem (fonte) e de destino (alvo).

O conhecimento das culturas Surda e ouvinte desempenha um papel fundamental no trabalho dos TILSPs. Sem o domínio desse processo, o significado e os sentidos da comunicação podem simplesmente se perder na tradução/interpretação.

Os TILSPs precisam conhecer e demonstrar a interdependência entre línguas e culturas, pois tais ações potencializam a capacidade da mediação linguística, que é desenvolvida nos contextos dos atos de fala entre os interlocutores da comunicação e não da mera substituição de palavras por sinais.

Nesse sentido, de acordo com as palavras de Castro Junior (2015), os Surdos se estruturam politicamente em meio a convivência com pares Surdos e com a comunidade ouvinte, desenvolvendo assim uma cultura Surda.



A língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura Surda. Desta forma, o uso de sinais pelos Surdos ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação, constituindo-se no meio pelo qual se expressam as subjetividades e as identidades desses indivíduos (Castro Junior, 2015, p. 16).

De tal forma, que a língua de sinais tem profunda relevância, como elemento cultural, sendo a marca mais importante da cultura Surda. Ela se materializa não apenas como um meio comunicacional, mas vai muito além. A língua de sinais se torna o veículo por meio do qual os Surdos, expressam suas subjetividades e identidades.

Desse modo, as representações sociais que as pessoas fazem da escola estão diretamente relacionadas com o contexto sócio, cultural e histórico de cada indivíduo. Mesmo que esse contexto seja repleto de barreiras, a escola pode auxiliar o indivíduo a vencer as barreiras e obter melhor qualidade de vida (Pires, 2008, p. 57).

Existe uma interligação inerente entre as representações sociais do ambiente educacional e o contexto sociocultural e histórico de cada estudante (Pires, 2008). Sendo assim, aflora uma compreensão de que as percepções de cada indivíduo sobre as instituições de ensino, são moldadas por uma série de amplas influências. O que abrange experiências pessoais, elementos culturais e históricos.

Mesmo diante dos obstáculos da atual realidade educacional, as instituições precisam se colocar como colaboradoras pela criação e pelo desenvolvimento das condições necessárias para superar as barreiras culturais que ainda persistem no campo da educação de Surdos.





Cabe, portanto, que as instituições de ensino valorizem a cultura Surda como dimensão constituinte da identidade das pessoas Surdas. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma mudança no paradigma da educação dos Surdos. Esse novo viés no modelo de ensino formal de estudantes Surdos vem em consequência de discussões acerca do ensino antropológico, conforme (Cromack, 2004, p. 4):

A discussão sobre as formas de atenção às pessoas e aos grupos Surdos tem sido deslocada do campo da educação especial para o campo antropológico, pois a educação deveria dar acesso aos bens culturais de acordo com as características singulares decorrentes da surdez.

Cromack (2004), já apontava para essa mudança relevante na abordagem educacional das pessoas Surdas, onde elas saem do ensino especial, para o ensino na perspectiva antropológica, que enfatiza a importância de se considerar a diversidade cultural e linguística dessas pessoas.



Por isso, a educação dentro da abordagem inclusiva deve fornecer acesso aos ricos bens culturais que surgem das experiências singulares dos Surdos. Essa postura é fundamental para promover a inclusão, o respeito a diversidade e o reconhecimento do patrimônio cultural das comunidades surdas. Isso deve ser um traço marcante para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes Surdos.

Como mencionado anteriormente, a mediação dos TILSPs no ambiente regular de ensino, é um dos principais meios de acessibilidade para os alunos Surdos. Então é muito importante entender de onde esse profissional surgiu. É o que será analisado sucintamente no próximo subtítulo.

# História do Profissional Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais No Brasil

4

O fortalecimento da Libras e da cultura Surda proporcionou o surgimento de um profissional que remonta à própria existência da Libras. Autores como Russo (2009) e Quadros (2004) referenciam o aparecimento dos intérpretes através de espaços empíricos, como a família e os espaços religiosos.

Em vários países há tradutores e intérpretes de língua de sinais. A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os Surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de Surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Outro elemento fundamental neste processo é o reconhecimento da língua de sinais em cada país. À medida em que a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os Surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito linguístico. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete de língua de sinais (Quadros, 2004, p. 13).



Atualmente em diversos países, a presença de TILSPs tem atraído a atenção da sociedade de modo geral, quer seja nos meios educacionais, como em qualquer outro ambiente. Isto porque a comunidade Surda tem conquistado cada vez mais espaço junto a sociedade majoritariamente ouvinte. E com a conquista de espaços pelos Surdos, vem o reconhecimento das atividades laborais dos TILSPs.

Visto que a participação e a interação dos indivíduos Surdos se dão em especial via tradutores/intérpretes de Libras/Português, a oficialização de línguas de sinais em diversos países, assegura que a mediação linguística seja desempenhada por esses profissionais.



Nesse sentido, a mediação interlíngua e intercultural desses profissionais se tornou como um dos principais pilares para assegurar a comunicação e acessibilidade linguística do povo Surdo, o que contribui para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Dessa forma, é possível afirmar que historicamente a mediação linguística nas mãos de voluntários vindos da própria comunidade Surda e daqueles que se socializavam com os Surdos deram início a profissão dos TILSPs. Sendo assim, de acordo com Lacerda (2015), tão antiga quanto a existência dos Surdos é a existência dos intérpretes de língua de sinais.

Tome nota!



**Clique aqui** para ter acesso a Dissertação de Laguna (2015). Se preferir, utilize o Qr-Code ao lado.



No entanto, o trabalho dos TILSPs ainda carece de prestígio e valorização. Apesar da mediação linguística destes profissionais ser complexa e indispensável dentro de muitos contextos, em especial no ambiente educacional inclusivo, onde os Surdos são matriculados em salas mistas, estes profissionais ainda lutam para sair da invisibilidade.

Estamos aqui e somos importantes!



Embora a presença do TILSP seja crucial para a interação e acessibilidade dos Surdos, ainda persiste nesse meio uma visão depreciativa acerca desses profissionais. Esses fatores são perceptíveis na relação tríade: docentes, TILSPs e estudantes Surdos. Quando docentes não utilizam as metodologias que atendam as especificidades Surdas, dificultam a mediação realizada pelos TILSPs.

E tal atitude tem grande potencial de gerar expectativas irrealistas nos estudantes Surdos que passam a acreditar que a responsabilidade pelo ensino recai exclusivamente sobre os TILSPs. Acredita-se que quando docentes e comunidade acadêmica se apropriam da trajetória desse profissional e de quão complexa é a mediação realizada pelos TILSPs poderá haver uma sensibilização e a partir desse ponto adotarem uma dinâmica de colaboração entre docentes e TILSPs.

Dessa forma, docentes não desconsiderarão o seu papel fundamental de adotar práticas pedagógicas que atendam às necessidades linguísticas e de aprendizagem dos estudantes Surdos, e com isso contribuirão para qualificar o trabalho de mediação dos tradutores/intérpretes de Libras/Português.

Tal atitude pode refletir positivamente no processo de ensino-aprendizagem dos Surdos, de maneira que a cooperação entre docentes e TILSPs pode ser considerada uma estratégia para afastar os TILSPs da invisibilidade nos ambientes escolares e, assim, contribuir para a valorização desses profissionais e do trabalho de mediação linguística que realizam.

## **Mediação Interlíngue e Intercultural**

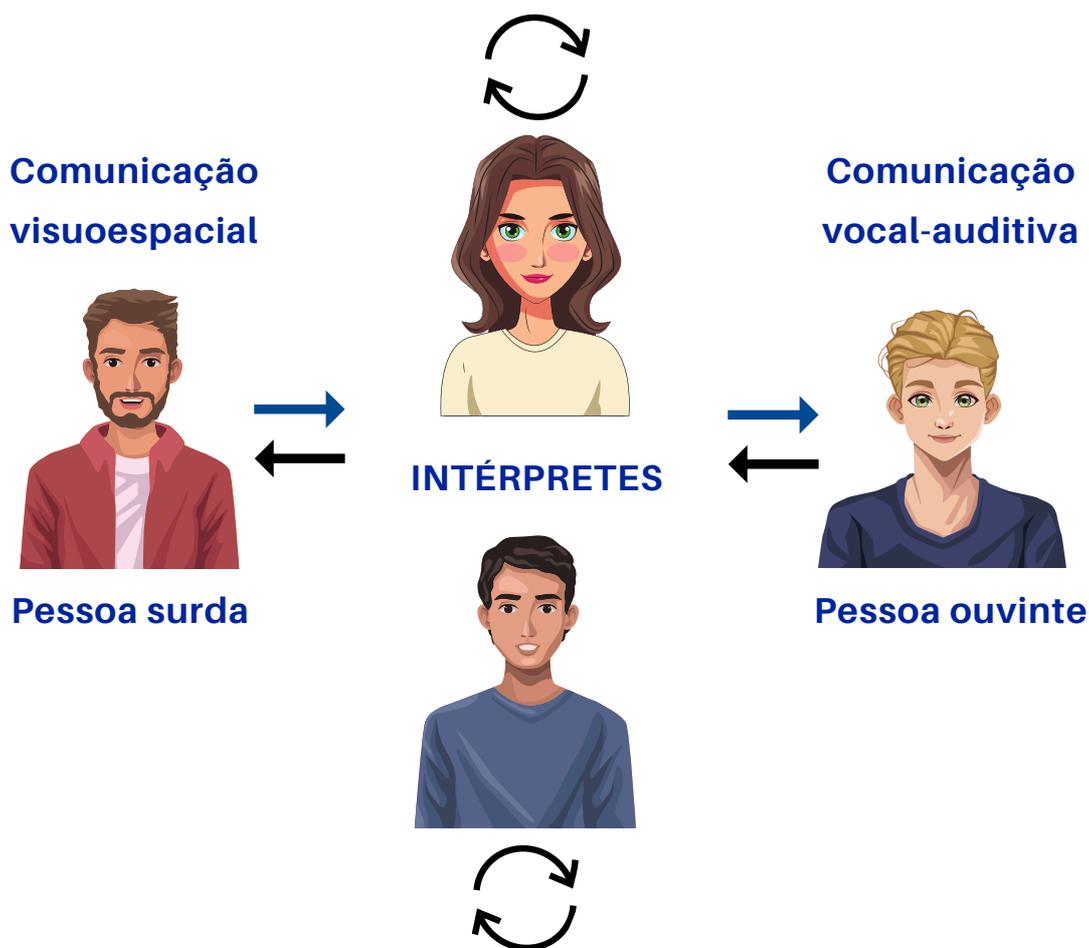


A integração e a colaboração do trabalho entre docentes e profissionais tradutores/intérpretes de Libras/Português são fundamentais para viabilizar a inclusão dos Surdos nos espaços escolares.

Uma forma de promover a colaboração ativa entre esses dois tipos de profissionais, é a conscientização que o trabalho de um está ligado ao trabalho do outro. Assim, o texto que segue visa demonstrar a complexidade envolvida no ato de tradução/interpretação interlíngue e intercultural.

O trabalho de tradução/interpretação entre Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa em espaços de educação formal de pessoas Surdas, é chamada por alguns autores como Burad (2009), de mediação interlíngue e intercultural. Essa mediação é uma ação de comunicação complexa.

**Figura 8: Mediação interlíngue e intercultural: comunicação complexa do ato de interpretação**



Fonte: os autores, 2023.

Para realizar e propiciar a interação entre ouvintes e Surdos é necessário que o TILSP, o docente ou qualquer outro profissional da educação considerem tanto a cultura Surda como a cultura ouvinte. A comunicação dos sujeitos envolvidos nos atos de fala e a mediação do TILSP devem promover a valorização dessas culturas.

Por isso, é importante que aqueles que mediam o conhecimento, tenham ciência da enorme responsabilidade e importância que tem a mediação realizada pelos TILSPs, é imprescindível, que aqueles que interagem nesse espaço tenham clareza sobre a real função do TILSP.

Pois, a indefinição quanto os aspectos inerentes dessa mediação, especialmente dentro da sala de aula, na dualidade professor e TILSP, acarreta serias consequências em especial para o ensino-aprendizagem do estudante Surdo.

Embora, docente e TILSP atuem no mesmo espaço de ensino, e a finalidade de seu trabalho se complementem, é indispensável que as dimensões de suas atividades sejam bem delimitadas. O professor é o principal responsável pelo ensino-aprendizagem do Surdo, e ao TILSP cabe a função de mediar a comunicação entre Surdos e docentes, e com os outros alunos ouvintes dentro da sala de aula.



Embora recaia sobre o TILSP a responsabilidade de mediar o ato comunicacional entre estudantes Surdos e professores ouvintes, Viaggio (2004) pontua que, se o mediador do ensino utilizar não somente a comunicação verbal, mas também fizer uso de métodos intermodais - (

que envolvem a combinação de diversas formas expressivas além do texto e da fala, como o uso de vídeos e recursos imagéticos), contribuirá para a superação de obstáculos na interação. Promoverá o respeito às identidades culturais dos falantes e dos surdos.

Ao fazer uso da comunicação intermodal, com a adoção de recursos da comunicação intermodal, os docentes contribuirão de forma assertiva, para a mediação realizada pelos TILSPs.

A adoção de atitudes baseadas no método intermodal, por parte dos docentes, refletirá diretamente na educação de Surdos, pois os TILSPs poderão centrar a mediação na perspectiva intercultural/interlíngua, visando promover a ruptura

da visão monológica da comunicação. Bem como poderá fomentar o interesse tanto dos alunos ouvintes, como dos alunos Surdos, para que conheçam e respeitem as culturas envoltas nesse processo.

O uso da comunicação intermodal é uma forma mais produtiva e abrangente para alcançar os estudantes Surdos, bem como os estudantes ouvintes. Sendo assim, o docente poderá aproveitar esse tipo de comunicação para proporcionar um ensino mais completo e envolvente a toda a turma. Tal abordagem atende as especificidades Surdas e tem o potencial de não gerar consequências negativas para os estudantes ouvintes.



Portanto, quando docentes se conscientizam da pluralidade existente dentro do seu contexto de trabalho, ficam mais propensos a repensar em suas práticas acadêmicas. Dessa forma, poderão se sentir impulsionados a usar estratégias didáticas que favoreçam a abordagem inclusiva e as práticas de mediação dos TILSPs. O que contribuirá imensamente para a quebra do paradigma de práticas excludentes, relacionadas aos estudantes Surdos e por muitas vezes práticas estas que refletem a desvalorização do trabalho realizado pelos TILSPs.

É importante que a comunidade acadêmica, em especial os docentes se conscientizem da complexidade envolta no ato de traduzir/interpretar. Garcia-Landa (2001), considera a interpretação como um espaço de encontro social entre as pessoas que precisam de interpretação, sendo o intérprete aquele que apresenta a mediação entre duas ou mais pessoas. Pondera ainda que que esta situação social da fala não é a mesma coisa que a tradução literal de frases e palavras.

Um fator preponderante para a compreensão da complexidade envolvida no ato tradutório e interpretativo, é ter conhecimento do que é traduzir/interpretar. Segundo García-Landa (2001), existe a crença comum de que a tradução consiste justamente na reprodução do que se quer dizer e do que se diz. Segundo o autor, este mito deve ser abandonado, pois todo tradutor/intérprete precisa entender o texto original, para depois poder expressar de forma livre a ideia que entendeu. Para Garcia Lander (2001), o ato de interpretar tem muitos desafios.



Dentre esses obstáculos está o intelectual - que envolve entender o que o orador está dizendo na língua fonte, para depois encontrar uma linguagem adequada, precisa, concisa, para transmitir de maneira clara o que foi dito, para a língua alvo. Tudo isso em um espaço de tempo que - segundo algumas pesquisas pelo autor - costuma ser em torno de 250 milissegundos.

Esse mesmo autor considera que traduzir/interpretar é um caso especial da fala. Pois, em todas as outras formas de comunicação, se diz o que é pretendido e pronto. No caso da mediação realizada no ato de traduzir/interpretar é necessária uma concentração redobrada, pois a "fala" que será produzida leva a essência do que o emissor disse, no entanto, antes de passar a fala, o intérprete precisa compreender o conteúdo expresso, para então fazer escolhas linguísticas que transmitam de forma precisa a ideia do que foi falado originalmente na primeira língua.

Na tradução/interpretação, a fala funciona como uma transação social. Para que essa transação social ocorra de forma profícua, é fundamental considerar que cada língua, seja a língua fonte bem como a língua alvo, estão carregadas culturalmente. Em conformidade com Burad (2009), a compreensão acentuada da cultura e da linguagem é primordial para capturar de modo preciso os significados e contextos implícitos nas palavras. De maneira que, interpretar ou traduzir é uma arte e uma ciência, que vai muito além da mera substituição de palavras.

Dessa forma, entender que assim como na tradução ou interpretação entre duas línguas orais não há correspondência exata entre os signos linguísticos, contribui para a compreensão que o mesmo acontece no trabalho de mediação dos TILSPs. Os signos linguísticos da língua portuguesa não correspondem aos da Libras.

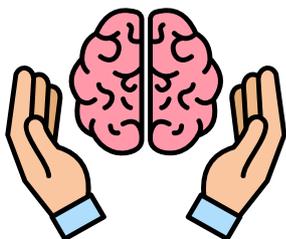
Em função deste e de outros fatores, tal mediação envolve um desgaste mental muito grande dos profissionais. Ao contrário do que é propagado ou subentendido por muitos da comunidade acadêmica, traduzir/interpretar não é apenas substituir palavras de uma língua para outra.



Para conseguir o objetivo proposto para sua mediação, esse profissional precisa ter sensibilidade cultural, empatia e profundo conhecimento das singularidades linguísticas, culturais e sociais presentes nos dois idiomas.

Como se vê, o processo de interpretação depende de um delicado equilíbrio atencional que oscila entre a escuta ou observação e a análise, memorização e reformulação do sentido do enunciado, ao qual se soma o acúmulo de conhecimento em um tempo limitado, -cujo ritmo é imposto pelo enunciador-, além de receptividade suficiente para poder canalizar os aspectos suprasegmentares das línguas, -intensidade, tom, timbre, entonação, acentuação, ritmo, pausa-, que dão uma intenção específica à mensagem e os aspectos paralinguísticos, sem perder de vista que durante o ato comunicativo o enunciador, o intérprete e o coenunciador estão presentes no contexto espacial (Burad, 2009, p. 4).

Portanto, o processo de interpretar/traduzir demanda do profissional uma habilidade que exige equilíbrio físico, mental e emocional, pois no mesmo momento que ele ouve, também precisa observar as expressões faciais e corporais do sujeito que é fonte dessa informação. Uma vez que as expressões não manuais inferem aspectos significativos para a compreensão do que o emissor quer que sua mensagem alcance.



Após, se ater minuciosamente e sem se delongar muito a estes aspectos, o tradutor/intérprete começa então o processo de reconstrução ou reverbalização para então transmitir a informação a língua alvo. Sendo assim o tradutor/intérprete oscila entre a escuta concentrada e/ou a observação profunda. Tudo isso deve ser somado no momento da mediação interlíngua/intercultural, que demanda do profissional uma boa memorização, para então reformular o significado do que foi falado.

Todos esses desafios, são intensificados pelo tempo limitado, cujo ritmo é imposto pelo enunciador, exigindo do tradutor/intérprete não apenas habilidades cognitivas, mas também a aptidão para armazenar conhecimento de maneira eficiente. Ademais, ainda se requer desse profissional a sensibilidade para canalizar os elementos suprasegmentares das línguas, como intensidade, tom, timbre, entonação, acentuação, ritmo e pausa.

Pois, todos estes fatores são caracteres que conferem a intenção singular a mensagem. Ao reconstruir a expressão na língua alvo, o tradutor intérprete precisa novamente observar com atenção, as expressões faciais e corporais do receptor da mensagem, com a finalidade de perceber se a mensagem chegou de forma clara, e assim dar continuidade ao processo de mediação, com um novo bloco de informações.

E caso aconteça de o TILSP perceber pelas expressões faciais do receptor que este não entendeu a mensagem, o tradutor/intérprete de Libras/Português precisa dar início a todo o processo novamente, só que agora construindo um novo bloco de signos linguísticos (Burad, 2009).

Todo esse esforço e concentração, é somado ao desafio de armazenar o conhecimento recebido em um determinado espaço de tempo, de acordo com o ritmo imposto pelo transmissor da mensagem. Dessa forma, ao considerar todo empreendimento mental, físico e emocional que o tradutor/intérprete de Libras/Português, emprega ao realizar a mediação linguística, é possível apreender de forma empática quão desafiadora é a tarefa de mediar a interação entre dois públicos de línguas e modalidades diferentes.

Como aponta Burad (2009), tal tarefa exige que o profissional esteja continuamente em estado de alerta mental. Em sua pesquisa a autora esclarece, de forma precisa, como ocorre esse processo na mente de um tradutor/intérprete de língua de sinais.



Primeiro ele recebe um input, ou seja, um conjunto de informações que podem vir de forma auditiva ou visual. Após receber este input o intérprete procura um bloco de signos linguísticos que torne possível iniciar o processamento mental. Ao iniciar o esse processamento mental, o intérprete realiza a análise do input recebido em todos os campos: lexical, semântico, sintático, fonológico, morfológico, contextual, cotextual, pragmático e cultural.

Todo esse processo é feito com o propósito de atingir um conjunto de signos lexicais equânimes, para posteriormente serem transformados no que Burad (2009), chama de output, ou seja, a exibição da informação já reestruturada e adaptada para mensagem correspondente na língua e na cultura de destino. Ao realizar esse processo o tradutor/intérprete precisa ser cauteloso para não perder de vista a intenção comunicativa do falante.

Acrescido ao esforço aludido, para saber se a informação foi entendida pelo receptor da mensagem, o intérprete precisa analisar a reação dele. Com base no feedback recebido, como apontado anteriormente o intérprete talvez precise dar início a todo esse processo mental novamente.



**É importante ressaltar que todo esse processamento acontece em fração de microssegundos. O que demanda muito esforço físico e mental do TILSP.**

Burad (2009), afirma que para conseguir fazer todo esse processamento mental é indispensável que o intérprete tenha três suportes fundamentais: conhecimentos gerais, atenção e memória. Ao apresentar as especificidades sobre os processos cognitivos utilizados pelo profissional tradutor/intérprete de Libras/Português, este material textual visa desmistificar a concepção equivocada, tão impregnada no meio educacional, de que o trabalho realizado pelos TILSPs é uma tarefa descomplicada, que não demanda esforço e nem preparação.

Entre outros aspectos importantes da tradução/interpretação, Burad (2009) destaca a complexidade desse processo, especialmente nos contextos que envolvem a língua de sinais. Ela evidencia a diferença fundamental da natureza linear da língua oral e a natureza tridimensional da língua de sinais. Ao destacar a natureza linear das línguas orais e tridimensionalidade das línguas de sinais, é possível perceber a intenção da autora em evidenciar mais um aspecto que torna o processo tradutório no contexto da inclusão do Surdo, ainda mais desafiador.

As diferenças da natureza linguística entre línguas orais e de sinais, segundo Lessa-de-Oliveira (2012), devem ser consideradas para a compreensão do que é uma língua linear e uma língua tridimensional. Na língua oral um fonema cede lugar ao próximo. Já nas línguas de sinais, os elementos constituintes ou parâmetros de um sinal coexistem simultaneamente no mesmo espaço visual, ou seja, a presença de cada um desses elementos é considerada no espaço, ao mesmo tempo, os elementos permanecem presentes ao longo da realização do sinal.

**Figura 9: Linearidade da Língua Portuguesa e Tridimensionalidade da Libras**



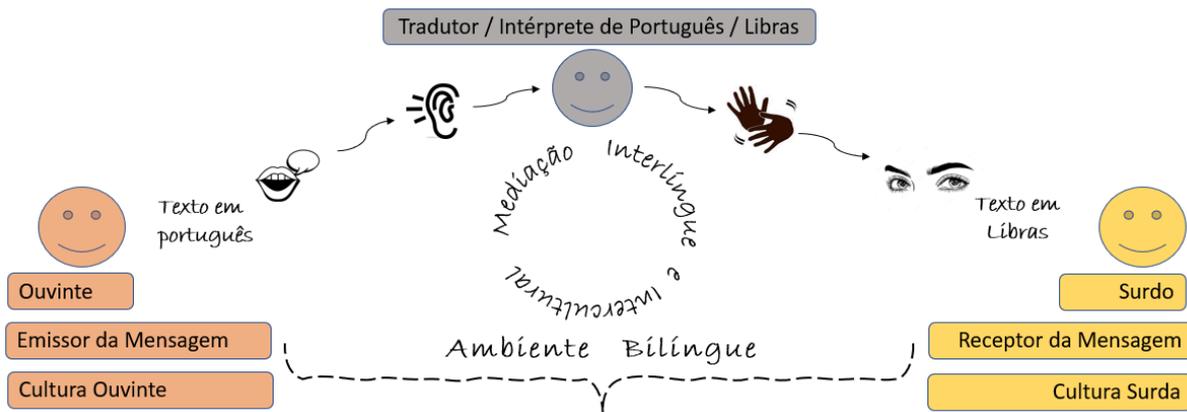
Fonte: Barreto 2023

Essa característica peculiar das línguas de sinais, destaca sua riqueza e complexidade, conferindo lhes prestígio e reconhecimento linguístico. De forma que, aqueles que atuam como mediadores interlíngua e interculturais na comunicação dos Surdos, devem ter um entendimento profundo para conseguir captar e transmitir com precisão as informações.

Ao apresentar a diferença das modalidades linguísticas das línguas orais e das línguas de sinais, evidencia-se que na mediação interlíngua e intercultural, realizada pelos TILSPS a concentração exige um esforço maior do que a mediação realizada entre duas línguas orais.

Segundo Burad (2009), o tradutor e intérprete de língua de sinais vincula em sua atividade duas línguas e duas culturas. No caso dos tradutores/intérpretes no Brasil a mediação é feita entre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e a Língua Portuguesa (mediação interlíngua) e de duas culturas: a Cultura Ouvinte e a Cultura Surda (mediação intercultural). A imagem a seguir busca demonstrar como é feita essa mediação.

**Figura 10: Ambiente de mediação interlíngua e intercultural**



Fonte: Oliveira, 2024

Como exemplificado pela figura, a mediação linguística dos TILSPs é realmente desafiadora. Agora analisando o exposto por Jakobson (1975), para o exercício dessa mediação interlíngua e intercultural, o tradutor intérprete de língua de sinais precisa fazer uso das diversas formas de tradução existentes:

**Quadro n. 1: Formas de tradução**

<p><b>Tradução intralingual:</b> ocorre através da reformulação entre os signos verbais de uma mesma língua, por exemplo o que acontece em uma paráfrase.</p>
<p><b>Tradução intersemiótica:</b> acontece quando signos não verbais são transformados em linguagem verbal</p>
<p><b>Tradução interlingual ou interlíngua:</b> ocorre quando há a presença de duas línguas diferentes, nesse ato tradutório há uma reformulação de um texto diferente daquele em que foi inicialmente enunciado</p>

Fonte: Jakobson, 1975, p. 64 e 65.

O autor esboçou separadamente essas classificações, no entanto é importante compreender que tais formas são interdependentes, pois no momento tradutório o profissional faz uso de todas em maior ou menor grau (Jakobson, 1975). Além das classificações abordadas por Jakobson (1975), sobre os tipos de interpretação e tradução, apresenta-se agora as diferentes modalidades que os TILSPs precisam dominar.

Entende-se que o conhecimento das diversas modalidades de interpretação propicia também que haja colaboração efetiva na tríade: professor ouvinte-TILSP-estudantes Surdos. O que é essencial para o ajuste nas abordagens dos conteúdos e nas metodologias utilizadas nas aulas. Quando existe a compreensão acerca das diversas modalidades de interpretação, aumenta-se a possibilidade de redução de barreiras comunicativas e atitudinais.

Outro fator importantíssimo para apresentação das múltiplas formas de interpretação, é que a assimilação das modalidades existentes poderá promover uma maior sensibilização e respeito em relação ao trabalho dos TILSPs e, conseqüentemente, estimular o respeito e a valorização da língua de sinais e da cultura Surda. Isso poderá contribuir para germinar um ambiente acolhedor onde a diversidade é reconhecida, respeitada e valorizada. Dessa forma, a seguir são apresentadas as diversas modalidades e tipos de interpretação:

#### **Quadro n. 2: Modalidades e tipos de interpretação**

##### **Interpretação simultânea**

Esta modalidade de interpretação ocorre ao mesmo tempo em que fala é ouvida, com uma diferença de microssegundos. Burad (2009) pontua que esta modalidade é muito complexa, em decorrência do alto processamento cognitivo empregado. Bem como de uma série de processos interdependentes, os quais possibilitam ao receptor da mensagem a interpretação da fala original quase em tempo real. Ao levar em conta a dedicação extrema exigida desses profissionais no processo de interpretação simultânea, faz-se necessário a conscientização da importância do treino e da prática contínua, para que esses profissionais possam estar totalmente envolvidos, e consigam atingir um desempenho eficaz.

Fonte: Jakobson, 1975, p. 64 e 65.

### Interpretação consecutiva

Nessa modalidade, o intérprete espera brevemente por um período curto para depois fazer a interpretação. Ou seja, o intérprete aguarda que o emissor termine uma frase ou uma ideia, para então transmitir o que foi dito para o receptor da mensagem. Essa modalidade requer do profissional uma memória muito boa, para conseguir captar, reter para depois transmitir de forma coerente e sem distorções o que foi dito na língua fonte.

### Interpretação direta

Vista por muitos tradutores/intérpretes como a modalidade mais desafiadora. Entre os tradutores/intérpretes é denominada “Interpretação de voz” ou “interpretação inversa”, pois a recepção da mensagem que irá ser traduzida ou interpretada é recebida na língua de sinais, e a língua alvo é a própria língua do tradutor/intérprete. Nessa modalidade o TILSP precisa ter:

- uma pronúncia clara;
- ter domínio na modulação da voz e se expressar com potência;
- ser fluente no vocabulário e ter a capacidade de fazer combinações harmoniosas;
- fazer uso adequado das pausas e produzir inflexões de voz que estejam de acordo com a mensagem(ou seja ser capaz de expressar os diversos sentimentos, como alegria, tristeza, insatisfação, incompreensão, entre outros);
- respirar bem;
- ter atitude e postura corporal corretas;

(Burad, 2009 p. 8).

### Interpretação intermitente

De acordo com Leal (2020, p. 37) a modalidade intermitente compartilha considerável semelhança com a interpretação consecutiva, distinguindo-se no viés dos tamanhos de blocos. Enquanto na consecutiva o intérprete aguarda a conclusão de um conjunto de ideias, na modalidade intermitente o TILSP trabalha com blocos menores. A autora sugere que nesta modalidade a interpretação é feita praticamente de oração em oração, o que demanda mais tempo para a finalização.

## Interpretação sussurrada

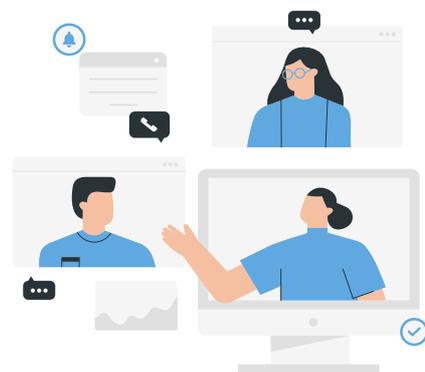
A interpretação sussurrada é um tipo de interpretação simultânea, é usada em algumas situações específicas onde o TILSP sussurra ou fala em voz baixa a interpretação no ouvido do receptor. Essa modalidade é usada quando há apenas algumas pessoas que não entendem a Libras, de forma que o intérprete precisa fornecer a interpretação em tempo real de forma discreta.

Burad (2009) afirma que quando a língua fonte é a língua oral, esse tipo de modalidade de interpretação requer do profissional adaptações como o encurtamento do espaço utilizado. Pode acontecer em alguns casos específicos que a realização de sinais bimodais (sinais realizados utilizando as duas mãos) sejam feitos de forma unimanual (usando apenas uma mão).

Fonte: Burad (2009); Leal (2020).

Pressupõe-se, que a reflexão acerca das diversas modalidades de tradução/interpretação descritas no quadro anterior, possa instigar nos docentes e gestores a importância de se propiciar um ambiente colaborativo, para o que os TILSPs possam se sentir assegurados de que tem o apoio e a compreensão dos principais envolvidos no seu dia a dia de trabalho.

E que considerando as diferentes modalidades de interpretação e o esforço empregado em cada uma delas, a gestão se conscientize da importância que tem a oferta de ações formativa em especial aos docentes e TILSPs. Reforçando que a oferta de ações formativas e continuadas, deve ocorrer sem que isso gere sobrecarga de trabalho.



Quando docentes participam de ações formativas acerca dos temas: surdez, língua de sinais, cultura surda e sobre a dualidade do docente e TILSP, certamente terão a oportunidade de absorver mais profundamente sobre o desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas que podem impactar diretamente em suas ações como docentes em sala de aula inclusiva, tendo alunos Surdos e ouvintes dividindo o mesmo espaço na sala de aula e os TILSPs realizando a mediação linguística.

No momento que é ofertado aos TILSPs oportunidades de ações formativas e condições de participar de tais atividades, estes seguramente poderão continuar aperfeiçoando cada vez suas técnicas e habilidade na mediação interlíngua e intercultural. De forma que, estes profissionais estarão cada vez mais capacitados para efetuar suas funções de maneira eficiente e competente. Além do mais, a promoção de continua atualização e aperfeiçoamento aos TILSPs favorece o refinamento das práticas nas modalidades descritas acima.

Bem como oportuniza o TILSP a aprendizagem de novas técnicas. As ações formativas permitem que esses profissionais estejam sempre se atualizando e propiciam que estes realizem a mediação linguística de forma mais adequada.

Pensar no intérprete de Língua de Sinais na sala de aula para intermediar a interação professor-aluno em que se deve dar o processo de ensino-aprendizagem é uma responsabilidade enorme e exige qualificação específica na área da interpretação e nas áreas de conhecimento envolvidas (Quadros, 2004, p. 60).

Em virtude da significativa responsabilidade que a mediação realizada pelos TILSPs tem no âmbito educacional inclusivo, considerando as diversas modalidades que estes profissionais devem dominar, é vital que as Instituições promovam iniciativas de capacitação e estabeleçam um ambiente propício para que esses profissionais aprimorem suas habilidades e qualificações, bem como tenham as condições necessárias para desempenhar tal função.

# Práticas Metodológicas que Favorecem o Trabalho do Tradutor Intérprete

6

Para que as práticas docentes possam favorecer e contribuir verdadeiramente com o trabalho de mediação do TILSP, Quadros (2004), aponta para a necessidade de clareza sobre a atuação desse profissional no espaço acadêmico.

O intérprete educacional é aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na educação. [...] O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como entre os colegas Surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula (Quadros, 2004, p. 60-61).

Docente



Dentro do ambiente prevalecente na maioria das Instituições, em especial nas Instituições de Ensino Superior que foi o foco da pesquisa, que deu origem a este E-book, faz se imperativo determinar de forma clara o papel do TILSP. No entanto, delimitar o papel e margear os limites para a atuação do TILSP não é tarefa fácil.

A não delimitação do papel do TILSP, é muitas vezes reforçada pelo próprio estudante Surdo, pelos docentes e até mesmo pelo próprio profissional. Segundo pesquisas há relatos de Surdos que dirigem suas dúvidas, ponderações diretamente ao intérprete, que se encarrega de esclarecer essas dúvidas, ou mesmo de dar um feedback positivo ou negativo sobre as ponderações dos estudantes Surdos.



Esse problema pode ser minimizado, se docentes adotarem uma postura afirmativa, deixando perceptível para os Surdos que eles fazem parte da turma. E como tal podem se sentir motivados a levantar a mão sempre que tiverem dúvidas ou desejarem fazer uma contribuição. Tal prática tem potencial de promover e/ou tornar o ambiente mais acessível ao Surdo, pois assim é mais fácil para que ele compreenda o papel distinto do docente e do TILSP.

Segundo Lodi (2012), com o objetivo de evidenciar uma clara distinção entre as funções do professor e do TILSP é essencial o cultivo de uma relação de parceria entre esses dois profissionais. Tal colaboração pode se efetivar a partir de práticas pedagógicas e de procedimentos metodológicos, com capacidade de provocar mudanças nos processos de mediação dos tradutores/intérpretes de Libras/Português, assim como na apropriação dos conteúdos por parte dos estudantes Surdos.

Entre as práticas e os procedimentos metodológicos que podem ser desenvolvidos pelos docentes, destacam-se o compartilhamento com os TILSPs, com tempo necessário de antecedência, de materiais, recursos pedagógicos e de conteúdos previstos para serem abordados em sala de aula.



As práticas dialógicas entre docentes e tradutores/intérpretes de Libras/Português podem favorecer o alcance dos objetivos quanto ao processo de mediação da tradução/interpretação dos conteúdos, do processo de ensino-aprendizagem e, portanto, de construção do conhecimento. O dialógico entre TILSPs e docentes proporcionam

ganhos significativos na efetividade da comunicação entre docentes, TILSPs e estudantes Surdos e ouvintes.

Quando há fragilidades nos diálogos, baixo nível de cooperação e comunicação entre docentes e TILSPs, muitos obstáculos podem ser ampliados no processo de inclusão de estudantes Surdos nos espaços formais de educação.

Há, portanto, vários desafios que precisam ser atenuados ou extintos no processo tradutório/interpretativo de Libras/Português, uma vez que impactam de forma negativa no processo de ensino-aprendizagem de estudantes Surdos, seguem dois dos principais desafios:

- A ausência do alinhamento com a temática por parte dos educadores; A fragilidade de conhecimentos sobre a surdez e suas particularidades;
- A falta de planejamento de ações que considerem a mediação linguística e cultural realizada pelos TILSPs.

Sobre esses desafios, Lacerda (2003), considera que seja feita uma reavaliação das abordagens educacionais utilizadas e que haja cooperação mais intensa entre os profissionais que atuam nesse contexto. Como caminho, Lacerda (2010), pontua que as aulas e outras atividades devem prever a circulação da Libras, não somente do Português. Segundo a autora a Libras não pode e não deve ser vista apenas como uma língua de tradução, pois se isto acontecer os processos de assimilação e aquisição de conhecimento que perpassam por esta língua ficarão prejudicados.

Tendo em vista o exposto, às instituições de ensino precisam compreender que simplesmente ofertar aos estudantes Surdos a mediação linguística centrada na presença do TILSP, não assegura a esses estudantes, o acesso as abordagens metodológicas que contemplem as suas particularidades educacionais (Lacerda, 2010). Somente a presença do TILSP não possibilita a genuína inclusão da comunidade acadêmica Surda.

Na realidade o foco na inclusão apenas na figura desse profissional pode acarretar muitas vezes na camuflagem de uma pretensa inclusão, que na realidade mais exclui do que inclui. Sendo assim é vital assegurar que as questões metodológicas sejam alteradas para que a inclusão dos estudantes Surdos, não seja mascarada na presença do TILSP.

Pois, quando isso acontece o ambiente inclusivo, se torna na realidade um ambiente excludente. E os mais afetados são aqueles que ao longo de toda história sempre foram excluídos e marginalizados, os Surdos.



Outro aspecto que impacta negativamente na educação dos Surdos, dentro do modelo inclusivo de Surdos matriculados em salas regulares onde a prevalência maior é de alunos ouvintes, é que a atuação dos TILSPs acontece em várias disciplinas, e sem uma formação específica, tal situação provoca a ideia equivocada de que o intérprete de Libras/Português, com apenas uma formação, está apto a realizar a mediação linguística nas mais diversas disciplinas.

Lacerda (2010), aponta que essa situação mantém a ideia equivocada de que o tradutor/intérprete de Libras/Português precisa ter uma formação generalista, ou seja, que ele tenha um conhecimento abrangente em diversas áreas.

Como a perspectiva de ter profissionais tradutores/intérpretes de Libras/Português com formação específica para cada disciplina, ainda parece distante, e a realidade brasileira em geral contempla os profissionais TILSPs tendo apenas uma formação acadêmica específica, para atuar em todas as disciplinas é imprescindível o trabalho em parceria com os docentes.

De forma que, autores como Santiago e Lacerda (2016), reforçam que não é praticável a dicotomia existente, de que ao docente cabe o papel da informação e ao TILSP cabe a tarefa da língua. No contexto das particularidades do ambiente interlíngua e intercultural em que os TILSPs atuam, o trabalho colaborativo com os docentes deve ser indissociável e permanente, quando o objetivo é favorecer o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes Surdos.

A indissociabilidade entre docência e tradução/interpretação de Libras/Português não implica, todavia, que as funções dos docentes e dos TILSP se confundam. Ao contrário, na perspectiva da inclusão, para que os objetivos da educação de Surdos sejam alcançados, é fundamental que haja colaboração no trabalho entre docentes e TILSPs, mas, ao mesmo tempo, que haja clara distinção e limites na natureza das funções desempenhadas por cada um desses profissionais.

## Planejamento Docente de Metodologias de Ensino e Recursos Didáticos na Mediação da Tradução/Interpretação Interlíngua e Intercultural

7

Ao docente, cabe a busca por metodologias e por recursos didáticos que privilegiem o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes Surdos. Nesse quesito, o trabalho de cooperação com os TILSPs é de suma importância, pois a partir de momentos dialógicos, esses profissionais podem auxiliar nas escolhas de recursos e metodologias acessíveis aos estudantes Surdos.

### Tome nota!



Ao planejar a sua aula, lembre-se: Alunos Surdos **são visuais!**

Outra ação fundamental para qualificar o trabalho docente reside na formação continuada, pois ela pode fazer com que esses profissionais saiam da zona de conforto e busquem conhecimentos pedagógicos específicos para atender à formação de estudantes Surdos. Tal ação pode, no âmbito da educação de Surdos, estimular o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para novas formas de ensinar, aprender, avaliar e se organizar.



Na busca por estratégias para potencializar o aprendizado dos estudantes Surdos, os docentes poderão sentir-se mais seguros, pois perceberão que a busca por metodologias de ensino-aprendizagem que possibilitem contemplar as singularidades Surdas, além de auxiliar as práticas de mediação interlíngua e intercultural dos TILSPs não acarretam prejuízos pedagógicos aos demais estudantes.

Em salas de aulas com estudantes Surdos matriculados em turma de alunos predominantemente de ouvintes, a persistência de práticas docentes com utilização de planos de aulas, estratégias metodológicas e recursos focados apenas nos estudantes ouvintes, contribui para a exclusão educacional de Surdos.

A seguir, a figura 11 (onze) busca retratar que a escola, que atende Surdos e ouvintes nos mesmos espaços, precisa refletir sobre as diferentes condições de acesso entre esses estudantes e adotar estratégias que estejam de acordo com suas singularidades e que propiciem o ensino de forma equânime.

**Figura 11: As diferentes oportunidades de acesso**



Fonte: Ragazzo, 2020

Ao analisar a figura 11 (onze), é perceptível no primeiro quadrante que o tratamento igual a pessoas com necessidades diferentes, o resultado pode ser o de exclusão. Já no segundo quadrante destaca que quando há equidade a mesma oportunidade é oferecida aos que estão dividindo o mesmo espaço.

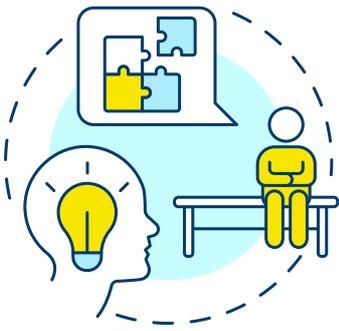
A observação detalhada da imagem torna possível assimilar a importância de considerar as necessidades individuais, para desse modo assegurar um tratamento justo e a oferta de igualdade de oportunidades, reconhecendo as singularidades de cada pessoa.

Dessa maneira, quando os docentes absorvem o espaço de ensino, como um espaço Interlíngua (onde duas línguas são utilizadas) e intercultural (onde coexistem duas culturas), e repensa suas práticas pedagógicas em torno de atividades acadêmicas que contemplem a metodologia visual, o seu modo de ensinar, de mediar o conhecimento, estará de forma significativa beneficiando aqueles que estão dividindo o mesmo espaço, compartilhando os mesmos objetivos.

Ao refletirem sobre as suas práticas metodológicas e pedagógicas, docentes favorecem os estudantes Surdos, os quais terão acesso aos conteúdos de forma acessível às suas especificidades, e as possibilidade de apreensão do conteúdo tem potencial de ser maior. O uso de recursos visuais possibilita aos estudantes Surdos a compreensão de conceitos complexos de forma mais concreta, especialmente se tais recursos vierem acompanhados de legendas, traduções em Libras, ou com textos didaticamente explicativos.

De acordo com Campello (2008), o uso de metodologias imagéticas permite que os Surdos tenham uma vivência de aprendizagem mais inclusiva, já que elas não se centram na habilidade auditiva. Esse tipo de abordagem de ensino permite que os Surdos tenham a oportunidade de uma participação mais ativa das atividades em sala de aula e assim possam se envolver mais com os conteúdos abordados.





Aos estudantes ouvintes a combinação de estímulos visuais e auditivos, tornam a aprendizagem mais envolvente e dinâmica. O uso de recursos visuais como gráficos, diagramas e vídeos são muito relevantes para a contextualização dos conceitos apresentados. De maneira que os estudantes ouvintes tem a perspectiva de ampliar a compreensão dos conteúdos, pois neste momento fará uso de múltiplos sentidos, o que certamente poderá levar a uma retenção mais eficaz dos conteúdos.

E com relação a mediação realizada pelos TILSPs (Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Português), os recursos visuais propiciam a melhor compreensão dos conteúdos que estão sendo traduzidos ou interpretados, já que as informações visuais complementam e as vezes esclarecem os significados de conceitos profundos.

O uso de recursos visuais e imagéticos auxilia também na comunicação dos TILSPs com os estudantes Surdos, pois possibilitam que os sinais sejam relacionados com os elementos visuais, enriquecendo assim a mediação. Outro fator positivo para o uso de metodologias com essas características, é que elas contribuem para amenizar a fadiga e o estresse vinculados a interpretação simultânea, pois os estímulos imagéticos proporcionam a compreensão e a transmissão da mensagem mais descomplicada.

Ademais, o uso de tais recursos beneficiam os próprios docentes, que poderão transmitir as informações de forma mais clara e objetiva, tornando os conceitos acessíveis aos alunos ouvintes e Surdos. Terão a participação mais ativas dos alunos, pois as aulas se tornaram mais envolventes, captam a atenção e o interesse dos estudantes em sala de aula. Essas condições podem impactar positivamente no aprendizado dos estudantes, sejam ouvintes ou Surdos.

Todos estes fatores podem trazer enormes possibilidades de se alcançar melhores resultados pedagógicos, pois a utilização de metodologias e práticas pedagógicas com o uso de recursos visuais beneficiam aqueles que estão envolvidos no contexto inclusivo de educação de Surdos em salas de aulas com estudantes Surdos matriculados em turmas de alunos predominantemente ouvintes.

Portanto quando planejar aulas, os docentes precisam observar e considerar a pluralidade interlíngua e intercultural como um desafio e, ao mesmo tempo, um estímulo para a busca de estratégias que contemplem as diferenças mencionadas. Além disso, ao elaborar o planejamento do processo de ensino-aprendizagem, o corpo docente deve incluir, entre outros aspectos relevantes, conforme o quadro 3 (três) apresenta:

**Quadro N. 3 - Planejamento docente para aulas em ambientes bilíngues com estudantes Surdos e ouvintes**

	Organização do conteúdo que se consolidará ao longo do semestre;
	Sistematização de como será a estratégia de comunicação e transmissão desse conteúdo aos TILSPs;
	Planificação de como e com que antecedência os conteúdos serão repassados aos TILSP;
	Descrição de como será a alocação de tempo adequado para a entrega de conteúdos aos TILSPs, com espaço de tempo suficiente para discussão e estudos dos conteúdos propostos;
	Elaboração de um padrão de como acontecerão os plantões para esclarecimentos de dúvidas;
	Logística de como será a gravação dos plantões para que os estudantes Surdos possam acessar posteriormente;
	Estruturação de momentos dialógicos para discutir terminologias específicas do conteúdo com os TILSPs.

Fonte: Dados da Pesquisa (Oliveira, 2024).

Todos esses aspectos relacionados são essenciais para que os TILSPs possam assimilar o conteúdo a ser ministrado e, realizar a mediação linguística com maior segurança dos tópicos abordados. Embora, tenha sido listado por último, a estruturação dos momentos dialógicos entre docentes e TILSPs, é um aspecto fundamental da planificação do plano de ensino do docente.

**Talvez, até mesmo antes de concretizar o planejamento, seria interessante incluir esta etapa. Isso porque esse diálogo contribuirá consideravelmente para a construção de ações colaborativas entre esses dois profissionais, que dividem a importante responsabilidade de promover a inclusão dos estudantes Surdos.**

Durante esse momento docentes e TILSPs poderão discutir estratégias, e adoção de materiais e recursos imagéticos que assegurem a compreensão de estudantes ouvintes e Surdos. No decurso desse momento dialógico o docente poderá receber informações específicas sobre a cultura e a língua dos estudantes Surdos, quais estratégias podem ser adotadas, dessa forma o docente poderá assegurar que haja um alinhamento do seu trabalho com o trabalho dos TILSPs.



Cabe ao docente a conscientização, que ao fazer a planificação de sua metodologia ao longo do semestre, seu planejamento não pode ser rígido ou inflexível. É imprescindível que o planejamento, contemple momentos dialógicos tanto antes quanto durante sua execução.

## Planejamento Docente na Organização do Tempo e do Espaço para a Mediação dos Tradutores/Intérpretes de Libras/Português em Espaços Interlíngues e Interculturais

8

Na questão tempo e espaço para mediação dos TILSPs, o planejamento deve ser cuidadosamente elaborado de modo que contemple a distribuição do conteúdo, contabilizando o tempo necessário para a mediação e o tipo de modalidade que será empregada pelo TILSP. **Além de prever pausas oportunas para a verificação se o ritmo e a frequência que o conteúdo está sendo exposto, se o ritmo e a frequência estão adequados para a realização da mediação.**



Como analisado anteriormente, a mediação Interlíngue e intercultural exige esforço mental, físico e emocional significativo do profissional TILSP. É um trabalho complexo e dependendo do conteúdo e dos feedbacks obtidos durante a exposição do conteúdo, os TILSPs precisaram fazer uso das diferentes modalidades de tradução e interpretação existentes, um dos fatores que justifica a necessidade do trabalho em dupla, para que possa ser realizado o revezamento, entre os TILSPs atuantes .

Docentes devem prever que, dependo do feedback recebido, faz se necessário que o TILSP repense e refaça a transposição do conteúdo, utilizando outros blocos de signos linguísticos, utilizando outras técnicas e estratégias. O que certamente demandará mais tempo entre a fala do docente e o momento de chegada da informação até o Surdo. Assim, a assimilação dos conteúdos por parte dos estudantes Surdos torna necessário que cada docente esteja aberto a fazer ajustes na sua programação temporal (cronograma) e metodológica (estratégias e recursos didáticos).

Embora, geralmente existam cobranças institucionais para a quantidade de conteúdos previstos no plano de ensino (semestral ou anual) de cada disciplina, é fundamental que o docente priorize a qualidade em detrimento da quantidade. O planejamento do ensino, em especial quando envolve estudantes Surdos, deve também prever tempo suficiente para o professor sanar dúvidas e, quando necessário, repetir as explicações.

## **Metodologias de Ensino Específicas para a Mediação dos Tradutores/Intérpretes de Libras/Português em Espaços Interlíngues e Interculturais**



Nas atividades de ensino que incluam estudantes Surdos, a metodologia de tradução/interpretação, devem primar para o respeito e a valorização das diferenças linguísticas e culturais entre os estudantes e a comunidade acadêmica. No entanto, observa-se um notável distanciamento entre as diretrizes delineadas nas políticas públicas direcionadas à inclusão de estudantes Surdos e a concretização dessas práticas educativas voltadas para esse segmento de estudante.

Notoriamente, muitos ambientes institucionais, por não adotarem ações e metodologias assertivas para atender às características peculiares de aprendizagem dos Surdos, acabam por impactar negativamente o percurso acadêmico desses estudantes, que muitas vezes se sentem desanimados e acabam desistindo do curso, ou concluem o curso mas sem ter conseguido assimilar de forma concreta os conteúdos abordados.

De acordo com Gonçalves e Festa (2013), essa realidade de práticas educativas evidenciam de forma desfavorável e desvalorizada a língua e a cultura desses estudantes. Tal práxis pedagógica contribui para a disseminação de ideias e atitudes permeadas pelo preconceito, privando esses estudantes do direito a uma educação integral, bem como do devido respeito e valorização da sua língua e cultura

[...] um ambiente de colaboração em que as atividades são compartilhadas entre Surdos e ouvintes, é o ideal para que aconteça o processo de inclusão, pois assim serão respeitadas e aceitas as diferenças individuais. A partir disso, vê-se a necessidade de refletir sobre uma didática flexível que ofereça o mesmo conteúdo curricular e que respeite as especificidades do aluno Surdo sem perda da qualidade do ensino e da aprendizagem (Gonçalves e Festa, 2013, p. 5).

Ao adotar metodologias específicas que contemplem as diferenças linguísticas e culturais dos estudantes Surdos, os docentes promoverão, como ressaltado por Gonçalves e Festa (2013), uma didática mais flexível, com os mesmos conteúdos curriculares, enriquecidos com atividades compartilhadas por estudantes Surdos e ouvintes. Ao consolidar tal postura, o docente está, na realidade, proporcionando oportunidades que incentivam e favorecem a interação social dos estudantes Surdos. Dessa forma, o docente irá promover e estimular o reconhecimento da singularidade visual desses estudantes.

De forma que as atividades escolares precisam ser pensadas e construídas a partir das experiências visuais dos estudantes Surdos, e não unicamente na oralidade dos estudantes ouvintes.

A cultura surda precisa ser mesclada a outras culturas, neste caso a dos ouvintes. Este processo ocorre através das relações socioculturais e da interação com outras pessoas dentro deste espaço escolar. Por isso, é preciso considerar a proposta bilíngue para Surdos. Skliar (1997) defende que o intuito do modelo bilíngue é proporcionar uma identidade bicultural, pois permite ao Surdo desenvolver potencialidades dentro de sua cultura surda e criar interações, através dela, com a cultura ouvinte. Com representações de ambas, as comunidades interagem e criam na aula papéis pedagógicos diferentes, através desta inclusão de duas línguas e duas culturas distintas (Gonçalves e Festa, 2013, p. 6).

Portanto, o reconhecimento e a valorização da língua e da cultura Surda, oportuniza ao estudante Surdo o sentimento de pertencimento a sociedade. Ao mesmo tempo salienta e fomenta a interação social entre Surdos e ouvintes. O que permite ao Surdo, a oportunidade de desenvolver uma identidade, chamada pelos autores de identidade bicultural.

A identidade bicultural permitirá que o estudante Surdo desenvolva habilidades e potencialidades dentro da sua própria cultura, enquanto facilita a interação com a cultura dos ouvintes. De maneira que, a presença de duas línguas e duas culturas diferentes, deve ser vista como uma perspectiva enriquecedora. Ao privilegiar o uso de metodologias que mesclam a diversidade linguística e cultural, os docentes estarão na realidade promovendo a formação bicultural dos estudantes Surdos e ouvintes.



Tal abordagem permite que docentes favoreçam o desenvolvimento das potencialidades Surdas e contribuam para a construção de representações em ambas as culturas. Instigando o aprendizado tanto da língua portuguesa para os Surdos, como segunda língua na modalidade escrita, bem como o aprendizado da língua de sinais como L2 para os estudantes ouvintes.

Consequentemente, infere-se que mediar o conhecimento é uma atividade complexa, e quando a mediação acontece dentro de um ambiente plural, o desafio ganha novas projeções e contornos distintos. Como sustentam Melo e Almeida (2020), a educação está intrinsecamente ligada à intencionalidade do educador.

Por isso, nesse contexto, os elementos contidos no processo de ensino-aprendizagem devem ser empregados com a intencionalidade de viabilizar a aprendizagem dos estudantes matriculados em salas de aulas com turmas mistas (ouvintes e Surdos).

Como exposto, ao desenvolver conteúdos por meio da adoção de metodologias acessíveis e enriquecidas com elementos visuais, como imagens, gráficos, infográficos e mais além de proporcionar que o processo de ensino-aprendizagem atenda aos estudantes com um todo, os docentes contribuirão para o trabalho de mediação dos TILSPs.

As metodologias que privilegiam os recursos visuais oferecem suporte adicional aos TILSPs, pois tais recursos colaboram na mediação de conceitos complexos, servem de reforços para assimilação dos vocabulários, além de incentivar a participação ativa dos estudantes Surdos no processo de ensino-aprendizagem.

A mediação interlíngua e intercultural, amparada nos recursos visuais e imagéticos, tem a potencialidade de proporcionar aos estudantes Surdos o estímulo à criatividade, o incentivo ao pensamento crítico e a ampliação da capacidade de expressão.

Tal processo contribui para estimular o desenvolvimento da subjetividade como dimensão cultural desses estudantes, permitindo-lhes acesso aos ambientes escolares que contemplem a formação humana integral, no contexto das experiências pessoais na vida social.



# Referências

ALMEIDA, W. **O guia intérprete e a inclusão da pessoa com surdo-cegueira**. Ilhéus: Editus, 2019.

BARRETO, Lourena Cristina de Souza. **Libras e saúde o atendimento ao paciente surdo**. YouTube 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/@LibraseSaudeAtendimen-ir1jt/videos>. Acesso em 09 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em 17 jun. 2022

Brasil. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de agosto de 2021. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://acesse.one/pz3MY>. Acesso em 15 mai. 2023.

Brasil. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de agosto de 2021. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://acesse.one/pz3MY>. Acesso em 15 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25/10/2023**: Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Libras. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm). Acesso em 15 ago. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 5.626**: Regulamenta a Lei n. 10.436/2002, que dispõe sobre a Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098/2000. Brasília, 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em 10 set. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação**: Instituto Nacional de Educação de Surdos comemora 165 anos. Brasília: MEC, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2022/instituto-nacional-de-educacao-de-surdos-comemora-165-anos>. Acesso em 19 dez. 2023.

BECERRA SEPÚLVEDA, Carolina Alejandra de Lourdes. Memoria sorda e invisibilidad: problemas teóricos y prácticos en la educación intercultural del sordo. In: **REXE - Revista de Estudios y Experiencias en Educación**, vol. 14, núm. 27, diciembre, 2015, pp. 169-182. Universidad Católica de la Santísima Concepción Concepción, Chile. Disponível em: Acesso em 9 dez. 2023.

BECERRA SEPÚLVEDA, Carolina Alejandra de Lourdes. Inclusión e interculturalidad para la cultura Sorda: caminos recorridos y desafíos pendientes. In: **IE Revista de Investigación Educativa - De La REDIECH**, V. 11, pp. 1-23, 2020. Disponível em [https://www.rediech.org/ojs/2017/index.php/ie\\_rie\\_rediech/article/view/792/956](https://www.rediech.org/ojs/2017/index.php/ie_rie_rediech/article/view/792/956). Acesso em 9 dez. 2023.

BURAD, Viviana. **La interpretación del par lengua de señas - cultura sorda / lengua hablada - cultura oyent**: Brevíssima aproximación a algunas conceptualizaciones generales. In: *Cultura Sorda*, 2009. Disponível em: [http://www.culturasorda.org/wpcontent/uploads/2015/03/Burad\\_Viviana\\_Interpretacion\\_par\\_LSCS\\_LHC\\_O\\_Brevisima\\_aproximacion\\_conceptualizaciones\\_generales\\_2009.Pdf](http://www.culturasorda.org/wpcontent/uploads/2015/03/Burad_Viviana_Interpretacion_par_LSCS_LHC_O_Brevisima_aproximacion_conceptualizaciones_generales_2009.Pdf). Acesso em 14 ago. 2022.

CASTRO JÚNIOR, G. de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus: Ed. Editus, p. 11-26, 2015. Disponível em: <https://acesse.dev/T13RT> . Acesso em 10 de ago. de 2023

CROMACK, E. M. P. da C. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 24(4), 2004, 68-77. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400009>. Acesso em 22 jul. 2023.

GARCÍA-LANDA, Mariano. **Teoría de la Traducción**. Ediciones Universidad de Valladolid: Serie Vertere: Monográficos de la Revista Hermēneus, n. 3, 2001.

Disponível em:

[https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/28353/VERTERE3.pdf?](https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/28353/VERTERE3.pdf?sequence=4&isAllowed=y)

[sequence=4&isAllowed=y](https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/28353/VERTERE3.pdf?sequence=4&isAllowed=y). Acesso em 17 jan. 2023.

GOMES, E. A.; Valadão, M. N. Tradução e interpretação educacional de Libras-língua portuguesa no ensino superior: desdobramentos de uma atuação. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, p. 601-622, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/PR6PwJ8r3dsgJX7xyMLbSpF/?lang=pt>. Acesso em 10 ago.2023.

GONÇALVES, H. B.; Festa, P. S. V. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. In: **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades - OPET**, p. 1-13, 2013. Disponível em:

<https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-PRISCILA.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8ª ed. São Paulo: Cutrix, 1975.

KOMISSAROV, V. N. Language and Culture in Translation: Competitors or Collaborators? In: **TTR: Languages and Cultures in Translation Theories**, 4(1), p. 33-47, 1991. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/ttr/1991-v4-n1-ttr1474/037080ar/>. Acesso em 17 dez. 2023.

LACERDA, C. B. F. **A escola inclusiva para surdos**: refletindo sobre o intérprete de língua de sinais em sala de aula. São Paulo, 2003. (Relatório Final referente a bolsa de pós-doutorado no exterior apresentado à FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Processo 01/10256-5, 2003). Disponível em <https://acesse.one/1pGXm>. Acesso em 10 set.2023.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Mediação: Porto Alegre, 1ª edição, 2009.

LAGUNA, M. C. V. **Moralidade, idoneidade e convivência**: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910 que incidem na atuação profissional dos tradutores-intérpretes de língua de sinais da atualidade. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128926/000975411.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 jul. 2023.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Interpretação Intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na Modalidade Oral**: entraves e avanços. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em o Bacharelado em Letras Libras - Vínculo Acadêmico, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: . <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220068>. Acesso em 20 nov. 2023.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)**, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf> Acesso em 18 dez. 2023.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Desenvolvimento de Linguagem e Apropriação da Libras como Primeira Língua por Crianças Surdas e Práticas de Letramento. In: GIROTO, Claudia Regina Mosca; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; BERBERIAN, Ana Paula Martins (Org.). **Surdez e Educação Inclusiva**. São Paulo : Cultura Acadêmica; Marília : Oficina Universitária, 2012, p. 13-35. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v7\\_obraindividual\\_girotomartinsberberian\\_2012-pcg.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v7_obraindividual_girotomartinsberberian_2012-pcg.pdf). Acesso em 21 fev. 2024.

MAIA, M. I. S. A importância da história dos surdos para o avanço da educação. Estudos Linguísticos. **Revista Porto das Letras**, Palmas, v. 03, n. 01, p. 101-111, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/476> 5. Acesso em 17 jun. 2023.

MELO, Maria Aparecida Vieira de; ALMEIDA, Ricardo Santos de. **A imagem no contexto pedagógico**: o artefato visual para os surdos. Rein-Revista Educação Inclusiva, v. 4, n. 1, p. 03-23, 2020. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/213/149> . Acesso em 19 dez. 2023.

MENDES, W. B. S. V. **Novos olhares acerca da construção da subjetividade em sujeitos surdos**. Tese (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação) – PUC- Goiás: Goiânia-GO, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3994>. Acesso em 23 jun. 2023.

MINDESS, Anna. **Reading between the signs: intercultural communication for sign language interpreters**. Boston/London: Intercultural Press, 2006, p. 296.

NASCIMENTO, Vinícius; BEZERRA, Tiago Coimbra. Professor bilíngue de surdos para os anos iniciais do ensino fundamental: de que formação estamos falando. **Libras em estudo: formação de profissionais**, 2014. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=370>. Acesso em 18 out. 2023.

OLIVEIRA, Paulo Cesar Soares. **História e memória da educação do surdo em Goiás**: escola estadual especial Maria Lusia de Oliveira. Tese de Doutorado em Educação. PUC-Goiás: Goiânia, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4868/2/Paulo%20Cesar%20Soares%20de%20Oliveira.pdf> . Acesso em 20 dez.2023.

OLIVEIRA, Lucimar Alves de. **Tradução e interpretação interlíngua - Libras / Português: práticas de mediação intercultural na educação de surdos.** Dissertação de (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Goiás (IFG), Anápolis (GO), 2024, p.170. Disponível em: <http://www.ifg.edu.br/profept>. Acesso em 07 de jun. de 2024..

PEREIRA, J. M. Cultura Surda: a bandeira de um povo dentro de outro. **Cadernos de Saúde**, v. 4, n. 2, p. 65-70, 2011. Disponível em: <https://acesse.one/LT4rv>. Acesso em 13 de jul. 2023.

PIRES, E. M. **O sucesso escolar de alunos com surdez neurossensorial severo/profunda: A educação em tempos de inclusão/exclusão.** 2008.

PIRES, Edna Misseno. **Libras: língua brasileira de sinais.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, 96 p.

QUADROS, R. M.; Karnopp, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e de Língua Portuguesa: Programa Nacional de Apoio à Educação de surdos.** Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em 11 jun. 2022.

RAGAZZO, Marília Honorio. Igualdade ou Equidade-o que deveria ser o foco nesse momento? In: **LinkedIn**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/igualdade-ou-equidade-o-que-deveria-ser-foco-honorio-ragazzo>. Acesso em 17 nov. 2023.

SANTIAGO, V. A. A.; LACERDA, C. B. F. O intérprete de Libras educacional: o processo dialógico e as estratégias de mediação no contexto da pós-graduação. In: **Belas Infiéis**, v. 5, n. 1, p. 165-182, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/9BzSCchpF7q6fXsRS7JqBTM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 nov. 2023.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STROBEL, K. **História da educação dos surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina-Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://l1nq.com/SkhDM>. Acesso em 20 ago.2023

VIAGGIO, Sergio. **Teoría general de la mediación interlínque**. Alicante (España): Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2004.  
Disponível em: <https://fatecpg.edu.br/revista/index.php/ps/article/view/163>. Acesso em 20 dez. 2023.

VEIGA. Neto, A. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, maio-ago. 2003. Disponível em: <https://l1nq.com/t0EvV>. Acesso em 10 ago.2023